

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016

FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

PDE – TURMA 2016

Título: As mulheres na filosofia, o feminismo e a ética.	
Autor: Jaime Farherr	
Disciplina/Área:	Filosofia
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual do Campo Professor Nilso Franceski – Ensino Fundamental e Médio. Avenida Luiz Ernesto Fleck, 2040, Distrito de Iguaporã, Marechal Cândido Rondon – Paraná. CEP: 85972-000.
Município da Escola:	Marechal Cândido Rondon
Núcleo Regional de Educação:	Toledo
Professora-Orientadora:	Dra. Ester Maria Dreher Heuser
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campus de Toledo.
Relação Interdisciplinar:	História, Sociologia e Arte
Resumo:	<p>Esta Produção Didático-Pedagógica ocupa-se do tema “As mulheres na filosofia, o feminismo e a ética”, o qual é raramente abordado nos materiais didáticos de Filosofia. Essa temática, além de discutir questões atuais em que são centrais os avanços da condição feminina social e teoricamente, leva em conta os problemas advindos das manifestações do machismo que continuam se reproduzindo na sociedade e na escola. O tema também permite abordar a ética de uma perspectiva feminina, para tanto, três filósofas ganharam aprofundamento, a saber Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir. O objetivo geral é aprimorar a fundamentação teórica sobre as mulheres na filosofia, o feminismo e a ética; contribuir para que os estudantes possam desenvolver a pesquisa filosófica nessa temática; debater, refletir e tomar posição sobre questões da vida cotidiana a partir dos textos filosóficos. A metodologia que procurei desenvolver está embasada nas Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná, que se constitui de quatro passos para o ensino de filosofia: mobilização para o conhecimento ou sensibilização, problematização, investigação e criação de conceitos.</p>
Palavras-chave:	Mulheres na filosofia; feminismo; ética; gênero; reivindicação.

Formato do Material Didático:	Caderno Pedagógico
Público:	Estudantes da 2ª Série do Ensino Médio

Dedicatória:

A todas as mulheres que sentem na pele o machismo e, principalmente, àquelas que lutam para serem respeitadas em suas diferenças e terem de fato os mesmos direitos. E aos homens que contribuem nessa luta...

A minha filha Liliane que, mesmo morando do outro lado do Atlântico, tem me dado muita força para enfrentar as dificuldades da vida. Que tem uma grande disposição para conhecer o mundo, aprender outras línguas e já tem presente elementos da contestação feminista...

Ao meu amigo Artêmio (*in memoriam*) que infelizmente se foi cedo demais. Uma pessoa que deixou valiosos ensinamentos e fez o que poucos fazem: unir estudo, experiência de vida e modéstia. Que pesquisou e lutou contra os preconceitos e contra as demais formas de injustiça.

Agradecimentos:

A minha orientadora professora Ester, pelas correções, apontamentos aos textos, pelas provocações filosóficas e por contribuir, juntamente com a professora Célia, para abordar a filosofia de modo mais significativo;

A minha namorada Vanessa, pelo apoio psicológico, afetivo e por ter “sacrificado” parte de vários finais de semana junto comigo a fim de que eu pudesse concluir esse trabalho;

Ao Marcio e a Marcia por disponibilizarem a casa nas inúmeras vezes que tive que ficar em Foz neste ano de 2016.

A minha irmã Marcia, por disponibilizar a casa durante os cursos em Cascavel;

Aos colegas do PDE: agradeço a Karolina, Wilson, Cristiane, Paulo H., William, Hermes e Vladimir pelas indicações de materiais e/ou sugestões gerais a respeito dessa Produção Didática. Ao Paulo H. também pelo apoio em levar documentos ao NRE de Foz, à Laudete pelo apoio na mudança de escola de implementação do Projeto. Ao William também agradeço por dividir as despesas das viagens a Toledo. Ao José Elias pelas saudáveis polêmicas. A todos eles e outros pela conversa e companhias agradáveis.

A todos os professores com quais tivemos aulas do PDE neste ano de 2016, pelas sugestões e contribuições prestadas à ampliação do conhecimento.

Aos colegas do Colégio Barão de Foz do Iguaçu, onde sempre fui bem recebido e tive apoio para o Projeto de Intervenção Pedagógica;

Aos colegas do Colégio Nilso Franceski de Marechal Cândido Rondon, que concordaram e deram apoio à implementação do Projeto na escola;

A Rosane, coordenadora do PDE no NRE de Foz, pelas orientações na solicitação de mudança de escola de implementação do Projeto.

A todos os servidores que participaram das greves de 2015, sem as quais teríamos perdido muitos direitos, dentre eles o programa do PDE.

1 - APRESENTAÇÃO:

A presente Produção Didático-Pedagógica está construída com base no que foi delineado no Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola. O objetivo geral é aprimorar a fundamentação teórica sobre as mulheres na filosofia, o feminismo e a ética; contribuir para que os estudantes possam desenvolver a pesquisa filosófica nessa temática; debater, refletir e tomar posição sobre questões da vida cotidiana a partir dos textos filosóficos. Os objetivos específicos são:

- destacar a importância das mulheres na filosofia, a partir das autoras que serão abordadas demoradamente, quais sejam, Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir;

- debater questões atuais como as desigualdades de direitos entre homens e mulheres, a opressão sobre a mulher e outras, a partir das contribuições teóricas das filósofas pesquisadas;

- desenvolver com os estudantes o estudo de fragmentos de textos filosóficos, buscando refletir sobre questões atuais a partir deles;

- abordar o tema da ética, que faz parte dos conteúdos estruturantes da disciplina de filosofia, a partir de uma perspectiva feminina;

- organizar junto aos estudantes a produção de vídeos sobre o tema aqui abordado, levando em conta também a vida e as contribuições de cada uma das pensadoras estudadas, visando divulgar mais o pensamento delas e envolver os alunos na produção de um material didático, propondo que eles retomem itens principais do que foi estudado com sua leitura da temática.

Um dos motivos que me levou a desenvolver o tema “As mulheres na filosofia, o feminismo e a ética” no PDE é a quase ausência de mulheres nos livros didáticos de filosofia. Além disso, a possibilidade de discutir a condição da mulher em nossa sociedade a partir das contribuições das filósofas, tema que se faz necessário debater em sala de aula e mais ainda no contexto atual em que há movimentos tentando impedir a discussão desse e outros temas. No decorrer do estudo fui percebendo também que é possível enriquecer muito a abordagem da ética a partir de um enfoque feminino.

A problemática de pesquisa e que serviu de orientação para elaboração desta Produção Didático-Pedagógica é a seguinte:

- Quais são as principais contribuições das filósofas Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir com a reivindicação pela igualdade de direitos entre

homens e mulheres? Em que medida essas pensadoras apresentaram abordagens diferentes dos filósofos?

- Quais são as contribuições dessas pensadoras para o tema da ética? Está presente em seu pensamento uma ética do ponto de vista feminino? Quando estiver, o que se modifica na perspectiva de uma ética feminina?

O presente material se destina aos Estudantes da 2ª Série do Ensino Médio, do Colégio Estadual do Campo Professor Nilso Franceski, de Marechal Cândido Rondon.

A escolha do Caderno Pedagógico como opção de material didático, deve-se ao fato do tema aqui desenvolvido ser extenso, com uma apresentação geral e depois o estudo de cada filósofa em específico. Assim, as unidades aqui desenvolvidas vão se complementando dentro da temática proposta e estão todas relacionadas.

A **Unidade I** tem como título “**As mulheres na Filosofia, o feminismo e a ética**”. Nela é feito um estudo introdutório do tema de maneira geral, sem se aprofundar nas três filósofas selecionadas no Projeto. O objetivo é introduzir os estudantes na temática para posterior aprofundamento.

A **Unidade II** é chamada “**Heloísa: drama amoroso, vida religiosa e Filosofia**”. Nela é estudado sobre a vida da filósofa Heloísa, a qual é inseparável da vida do filósofo Abelardo, bem como as contribuições filosóficas de Heloísa. Isso é feito a partir de um filme, de comentadores e diretamente a partir da correspondência que ambos produziram.

Na **Unidade III**, “**Mary Wollstonecraft e os direitos das mulheres**”, estuda-se algumas das contribuições dessa importante filósofa do século XVIII, que pode ser considerada uma das precursoras do feminismo.

A **Unidade IV** tem como título “**Simone de Beauvoir: contribuições ao feminismo e à questão da moral**”. É claro que o objetivo não foi dar conta de todas as contribuições dessa importante filósofa do século XX, mas apenas abordar alguns aspectos dentro da temática e do problema aqui proposto. Nessa mesma unidade proponho que os alunos em grupo desenvolvam vídeos sobre toda temática desta Produção Didático-Pedagógica.

As orientações metodológicas estão ao final de cada Unidade.

UNIDADE I

AS MULHERES NA FILOSOFIA, O FEMINISMO E A ÉTICA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

AULAS N° 1, 2 e 3:

1. AS MULHERES NA FILOSOFIA:

Certamente você já ouviu falar ou estudou sobre vários filósofos homens, tais como Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Locke, etc. Mas e sobre as filósofas, você já ouviu falar delas? Como se posicionaram os filósofos acerca das mulheres?

A filosofia tem uma longa história, de aproximadamente 2.500 anos. Porém as mulheres ficaram excluídas ou nas sombras durante a maior parte da história da filosofia. Como afirma a filósofa Marcia Tiburi: **“As mulheres, é certo, participaram da filosofia, mas pela porta dos fundos, assim como de todos os setores da vida produtiva e ativa das sociedades”** (2003, destaque meu). A música “Mulheres de Atenas” retrata bem essa condição histórica das mulheres e faz um alerta ainda atual. Vejamos um trecho dela:

Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam

Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas
Cadenas [...]

BUARQUE, Chico, BOAL, Augusto. In: *Chico Buarque – letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 144. Apud.: ROCHA, S/D, p. 2-3)

Questões para debate:

Como a música retrata as mulheres de Atenas? A condição da mulher hoje é totalmente diferente da retratada na música ou há semelhanças? Comente. Será que a música defende a submissão da mulher?

Indicativos para interpretação da música:

Segundo Rocha (s/d.), a música faz referência a aspectos da sociedade ateniense e a alguns personagens da mitologia grega, como Penélope, Helena e Ulisses. É uma música cheia de recursos como metáforas e ironia. O verbo **“mirem-se”** no início de cada estrofe tem o sentido de tomar cuidado, algo a ser evitado. Assim, a música é um alerta para as mulheres de hoje, ela se posiciona contra a submissão das mulheres. O próprio Chico Buarque afirmou

isso em entrevista à TV Cultura: “Eu disse: mirem-se no exemplo daquelas mulheres que vocês vão ver o que vai dar” (Chico Buarque. Apud.: ROCHA, s/d., p. 5)¹

A música é um alerta contra a submissão, mas **como os filósofos trataram o tema da mulher ao longo dos séculos?** Muitos filósofos clássicos inferiorizaram as mulheres. A filósofa Maria da Penha F. S. de Carvalho (2004), afirma que a tradição filosófica ocidental, toda ela produzida por homens, defendeu que é incompatível ser mulher e usar a razão de forma adequada. Afirma ainda que essa ideia não desapareceu no mundo contemporâneo. O filósofo grego Platão (427-347 a. C.) teria afirmado na obra *Timeu* que as mulheres surgiram de almas de homens inferiores que foram recicladas. Platão defende que os apelos do corpo são ruins, tanto para homens como para mulheres, mas o sexo feminino é mais vulnerável a eles. Ele afirma que a natureza feminina é antinatural e degenerada. De acordo com Carvalho, com Platão tem início a nossa tradição, que associa os homens com a **razão** (dimensão mais nobre do ser humano) e as mulheres com **a sensibilidade e os afetos** (dimensão vista como inferior e partilhada com os outros animais). A inferiorização da mulher era muito forte na Grécia antiga. Ribeiro afirma que:

Na Grécia Antiga, ser mulher não era muito desejável, as mulheres tinham o mesmo *status* social dos escravos, o que significava que não tinham direitos civis, muito menos de participação política. As mulheres gregas eram consideradas como simples objetos e suas vidas eram controladas pelos homens (maridos, pais, senhores) da maneira que eles desejassem (RIBEIRO, jun./jul. 2016, p. 36).

Talvez até mais que Platão, foi o filósofo grego Aristóteles (384-322 a. C.) que tentou justificar a inferioridade da mulher, reforçando em linhas gerais o pensamento dominante na sua época. Segundo Carvalho (2004), em uma passagem da obra *A Política*, Aristóteles compara as capacidades racionais dos escravos a das mulheres. O filósofo grego afirma que o escravo não tem faculdade deliberativa, a mulher é superior ao escravo uma vez que tem essa faculdade; porém ela não tem autoridade. Ou seja, a mulher, segundo Aristóteles, não consegue agir de acordo com o que deliberou. Assim, as mulheres seriam inferiores, pois não conseguem fazer uso prático da razão, seriam **descontroladas**. Para Aristóteles, esse descontrole faria parte da “natureza” feminina, por essa razão, as mulheres não podem ser sujeitos éticos, pois são incapazes de dominarem a si mesmas. Se não possuem domínio de si, as mulheres precisam de um domínio externo. A ética e a política estão unidas no pensamento de Aristóteles. Assim, o filósofo legitima o domínio do homem na esfera familiar e exclui a mulher da esfera política.

¹ Para um estudo detalhado da música “Mulheres de Atenas”, acessar: https://web.archive.org/web/20110825011553/http://www.mundocultural.com.br/analise/Mulheres_de_Atenas.PDF. Acesso em: 22 nov. 2016.

Em seguida assistir a propaganda do chocolate Snickers para buscar alguma semelhança entre a visão de Aristóteles sobre a mulher e a visão da propaganda. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GkgzJcYfIY>>. Acesso em: 11 out. 2016.

Vários outros filósofos inferiorizaram as mulheres. Além de Platão e Aristóteles, poderíamos citar o filósofo alemão Kant (1724-1804), dentre outros. Carvalho (2004) afirma que Kant, na obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, teria defendido que as mulheres são, por natureza, incapazes de teoria, de princípios e de abstração. E aquelas que contrariassem essa natureza se dedicando à ciência, deveriam usar barba.

Não foram os filósofos que inventaram a discriminação da mulher. No entanto, segundo Carvalho (2004), os escritos dos filósofos que inferiorizam as mulheres se apoiam em situações concretas de desigualdade entre os sexos, comuns nas sociedades de suas épocas, e, por outro lado, buscam legitimar, ao nível da teoria, a suposta superioridade masculina. Esses filósofos buscam “provar” que as mulheres são naturalmente inferiores, para que ninguém ouse questionar. As discriminações sofridas pelas mulheres estão apoiadas num pressuposto de conceitos que as justificam: todas as diferenças entre os sexos masculino e feminino seriam naturais e imutáveis. Essa posição pode ser chamada de **essencialismo genérico**, ela justifica a dominação masculina como sendo justa e necessária. Raros foram os filósofos que se posicionaram contra essa tese do essencialismo genérico. John Stuart Mill (1806-1873) é geralmente considerado o primeiro a argumentar contra essa tese. Ele afirma:

A nossa reflexão até aqui é mais do que suficiente para demonstrar que o costume, por muito universal que possa ser, não autoriza, neste caso, nenhuma presunção, nem justifica qualquer preconceito a favor do sistema que coloca as mulheres num estado de sujeição social e política em relação aos homens. (MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Apud.: OLIVEIRA, 2013, p. 498)

Mas antes de Mill, o filósofo François Poulain de La Barre (1647-1723) demonstrava que a ideia de uma essência feminina inferior não tem fundamento e defendia a igualdade entre o homem e a mulher. Segundo Menezes (2002) na sua obra *Igualdade dos dois sexos*, o filósofo destaca a importância das mulheres entrarem nas universidades, mas sua fala ainda era solitária naquele momento.

Carvalho afirma que, apesar de existirem produções intelectuais de mulheres em períodos anteriores, antes do século XX nenhuma mulher foi reconhecida como filósofa. Ainda hoje, alguns hesitam em colocar Simone de Beauvoir ou Hannah Arendt na categoria de filósofas! Carvalho relata que ainda hoje é dito com certa frequência a frase “mulher e saber não combinam”. Maria Luísa Ribeiro Ferreira (2009), no livro *As mulheres na filosofia* concorda que, apesar de algumas vozes femininas, o discurso dominante na filosofia tem sido

masculino. E afirma que essa situação muda no século XX, principalmente a partir dos anos sessenta, quando os movimentos feministas ganham força, sobretudo nos EUA e demais países de língua inglesa. Os estudos de gênero são incluídos em currículos universitários e em projetos de investigação. Esse processo influencia na filosofia.

Assistir o vídeo “Exposição mostra um século de mulheres na propaganda”. Ele ajuda a questionar a tese do essencialismo genérico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aqZo9Ijt1tY>>. Acesso em: 11 out. 2016.

ATIVIDADE 1 (no caderno):

- 1) Quais seriam os motivos do não reconhecimento das filósofas antes do século XX? O que influenciou para esse reconhecimento ocorrer no século passado?
- 2) Atualize, com suas palavras, a tese do essencialismo genérico defendida por muitos filósofos. Considerando o vídeo acima que retrata as várias mudanças no papel das mulheres nos últimos 100 anos, apresente evidências da falseabilidade de tal tese.
- 3) Que semelhança há entre a visão de Aristóteles sobre a mulher e a visão apresentada na propaganda do chocolate Snickers? A visão aristotélica persiste de algum modo no senso comum atual? Comente.

1.1. QUEM SÃO AS FILÓSOFAS?

Apesar da falta de reconhecimento antes do século XX, tivemos nomes de filósofas muito importantes desde a Antiguidade. Veremos algumas delas, com base em Silva (2014), Carvalho (2004), Silva (2006), Rocha (1997), Ribeiro (2016), Silva (2016), Neri (2013), Assmann (2007) e Cardoso (2014).

Na **Antiguidade** dois dos nomes de destaque foram: **Safo de Lesbos** (séculos VII e VI a. C.) e **Hipátia de Alexandria** (355 ou 370 a 415). Safo nasceu na ilha de Lesbos, na Grécia, em 630 a. C. Ela criou um ambiente para que as mulheres pudessem lidar com a poesia e a música. Safo era de origem aristocrática, foi exilada na Sicília por divergência política com o governo tirano. Ao retornar a Lesbos, fundou uma escola de educação feminina chamada *thiasos*, um círculo de pessoas que seria como passagem ideal entre a infância e o casamento. O ambiente onde Safo vivia era marcado por grande erotismo entre as mulheres, embora não seja possível afirmar que os poemas expressam a homossexualidade feminina. Hipátia de Alexandria foi filósofa, astrônoma e matemática, sendo professora em Alexandria.

Num contexto de graves conflitos religiosos e muita intolerância, Hipátia acabou sendo brutalmente assassinada.²

Na sequência, vídeo onde o astrônomo Carl Sagan nos fala sobre Hipátia e sobre a destruição da biblioteca de Alexandria (duração - 5 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cw4rlWluewk>>. Acesso em: 06 out.2016.

Na **Idade Média** podemos destacar, por exemplo: a filósofa francesa **Heloísa de Paráclito** (1101-1164) bastante conhecida por sua relação amorosa com o filósofo Abelardo. Ela destacou-se por sua inteligência, dedicação à vida religiosa e aos estudos, bem como por ter divergido de Abelardo em muitas questões. **Christine de Pizan** (1364-1430) foi uma filósofa nascida na Itália, mas ainda pequena foi morar na França. Tornou-se a primeira mulher ocidental a ganhar a vida como escritora. Christine combateu o ódio às mulheres dos autores do sexo masculino e criticou as condições indignas de vida para as mulheres nas cidades sob domínio dos homens. Sua obra mais importante foi *A Cidade das Damas*. Em um trecho ela mostra os motivos para escrever o livro e faz a crítica aos autores machistas:

Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. [...] Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. (PIZAN, Christine de. *A Cidade das Damas*. Apud.: NERI, 2013, p. 76)

De acordo com Carvalho (2004), a obra *A Cidade das Damas* descreve a construção de uma cidade para abrigar as mulheres com mérito para tal. Três damas celestiais ajudam na construção da cidade: Razão, Retidão e Justiça. As mulheres que merecem ir para a cidade são as que amam os livros, as que se interessam pelo estudo e as mais virtuosas. Para Christine de Pizan, nas cidades dos homens as mulheres serão sempre inferiores, daí a necessidade de criar um espaço próprio para as mulheres notáveis.

Na **Idade Moderna** podemos citar, por exemplo: **Mary Wollstonecraft** (1759-1797), escritora e filósofa inglesa que se destacou pela defesa dos direitos das mulheres. Uma de suas principais obras é *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, que defende a igualdade entre os sexos e deu impulso ao feminismo moderno. Também **Olympe de Gouges** (1748-1793), francesa que se destacou pelos escritos em defesa das mulheres e dos negros. Escreveu *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* e acabou sendo guilhotinada em meio à revolução francesa. O documento foi escrito em 1791, dois anos após a revolução francesa,

² Uma abordagem muito boa sobre a filósofa Hipátia e os conflitos que ocorreram em Alexandria na sua época, pode ser vista no filme *Alexandria*, de 2009, dirigido por Alejandro Amenábar (Espanha: Mod Producciones – 127 min). O filme também é chamado *Ágora*.

como crítica à *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* e como apelo a que as mulheres se posicionassem frente ao que ocorria. Nos dois primeiros artigos do documento, Olympe de Gouges afirma:

Artigo primeiro: A Mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem ser fundamentadas no interesse comum.

Artigo segundo: O objetivo de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis da Mulher e do Homem. Estes direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança, e, sobretudo, a resistência à opressão. (Olympe de Gouges. *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*)

Na **Idade Contemporânea**, dos vários nomes que poderíamos mencionar, cito três: **Hannah Arendt** (1906-1975), filósofa alemã que se destacou no campo da filosofia política, foi uma das poucas que não escreveu sobre a condição feminina. Outro nome é o de **Simone de Beauvoir** (1908-1986), escritora e filósofa francesa, destacou-se nos estudos feministas, principalmente depois de lançar a obra *O Segundo Sexo*. Cito também **Lélia Gonzalez** (1935-1994), historiadora, filósofa e ativista brasileira. “De origem humilde, filha de pai negro e mãe indígena, ela militou na causa das mulheres e do movimento negro.” (RIBEIRO, jun/jul 2016, p. 40). Lélia refletiu sobre a exclusão das mulheres no Brasil, principalmente negras e indígenas, e criou conceitos que trouxe de culturas escravizadas. Um dos conceitos é amefricanidade, pelo qual procura dar visibilidade à luta dos povos colonizados (cultura indígena e africana) e afastar-se da interpretação de mundo centrada no pensamento europeu. Ela afirma que em nosso continente o racismo é a causa da negação afro-ameríndia:

o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a ‘superioridade’ branca ocidental à ‘inferioridade’ negroafricana. A África é o continente ‘obscuro’, sem uma história própria (Hegel); por isso, a Razão é branca, enquanto a Emoção é negra. Assim, dada a sua ‘natureza sub-humana’, a exploração sócio-econômica dos amefricanos por todo o continente, é considerada ‘natural’. (GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. Apud.: CARDOSO, set./dez. 2014, p.970-71)

A partir da Unidade 2 estudaremos em detalhes as filósofas Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir.

ATIVIDADE 2 (no caderno): em duplas

- 1) Das filósofas mencionadas aqui, qual ou quais você já tinha ouvido falar?
- 2) A partir dessa breve apresentação, qual das filósofas mencionadas chamou mais sua atenção? Justifique sua resposta.

Extra-classe:

- 3) Pesquise na internet ou em material impresso sobre ao menos duas outras filósofas não mencionadas no texto acima e faça uma breve síntese. Não se esqueça de citar a fonte e fazer as referências. Sugestões: RIBEIRO (2016), da *Revista Filosofia Ciência&Vida*, geralmente disponível nas escolas. Também o site: <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/24/artigo178015-1.asp>>. Acesso em: 07 out. 2016. **Observação:** a informação sobre Simone Weil está incorreta nessa última matéria. Na realidade refere-se à Ângela Davis.

AULA Nº 4:

2. O FEMINISMO:

2.1. PROBLEMATIZANDO O MACHISMO E REFLETINDO SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER:

Iniciar a abordagem sobre o feminismo com o curta “*Acorda, Raimundo... Acorda!*” (Direção Alfredo Alves, 1990). A duração do vídeo é de 15 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>>. Acesso em: 08 out. 2016.

Debate sobre o filme:

Durante a exibição do vídeo, observar a reação dos estudantes. Posteriormente fazer um debate sobre o filme, levantando questões, tais como: parece que há algumas cenas engraçadas ou “estranhas” no vídeo. Quais? Por que são engraçadas ou “estranhas”? Sobre a cena do menino brincando de boneca: há brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas? Os meninos não poderiam (ou deveriam) ser também educados para brincar de boneca? Essa educação diferenciada na infância tem relação com o machismo e a construção de papéis sociais do homem e da mulher? Em que época se passa o filme? Que diferenças vocês perceberam na vida cotidiana da época do filme (1990) em relação aos dias atuais? O vídeo mostra uma relação machista em uma família trabalhadora, mas com papéis invertidos (inclusive a música é invertida).³ Qual seria o objetivo dessa inversão? Em nossa vida cotidiana muitas vezes naturalizamos certos comportamentos tidos como masculinos, como fumar e ficar no bar com os amigos até de madrugada. Mas quando isso é feito pelas mulheres, ainda há uma reação negativa? Qual? Nos dias de hoje ainda há espaços e atitudes permitidas apenas aos homens? Voltando à tese do essencialismo genérico que estudamos: o vídeo reforça ou questiona essa tese? De que modo? Atualmente o que é mais comum nas famílias, só o homem trabalhar fora ou o homem, a mulher e talvez os filhos? Por que a mulher também trabalha fora atualmente? Comentar também sobre o fato de que 38,7% das famílias serem “chefiadas” por mulheres⁴. Na sua casa, quem faz o trabalho doméstico? Quem de vocês colabora com o trabalho doméstico? Pode-se debater também em relação à violência

³ No início do vídeo a letra da música diz: “Amanheceu a galinha cantou, amanheceu a galinha cantou/ Despertador logo toca/Raimundo acorda Martinha/É mais um dia de trabalho uma rotina (BIS). A Marta se aborrece com Raimundo/As crianças chorando/Papai quero leite com pão/Vida de boemia/No boteco é seu lindo prazer/Chegando em casa sem ter nada pra comer.” No final do vídeo a letra muda: “Amanheceu o galo já cantou, amanheceu o galo já cantou/ Despertador logo toca/Raimundo acorda Martinha/É mais um dia de trabalho uma rotina/ Raimundo descobriu teve um sonho profundo/Gritando com a Marta: ‘ói meu café que eu já vou trabalhar’/ Raimundo se sente feliz/ Um sonho que se acabou/ Sai batendo a porta e diz pra Marta ‘eu já vou’”.

⁴ Informação de: MARTINO, Natália; CARDOSO, Rodrigo. O novo feminismo. *Revista Istoé*. 22 jun 2012. Disponível em: <http://istoe.com.br/216256_O+NOVO+FEMINISMO/> Acesso em: 08 jun. 2016.

contra a mulher que aparece no filme, de modo invertido. Os dados a seguir auxiliam nessa última questão.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER - DADOS ALARMANTES:

- ▶ “No Brasil, no período 2011-2013, estima-se que ocorreram 17.581 óbitos de mulheres por agressões [...]. No triênio ocorreram, em média, 5.860 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 488 a cada mês, 16,06 a cada dia, ou **uma a cada uma hora e trinta minutos.**” (GARCIA; SILVA, IPEA-2016 – destaque meu)
- ▶ “Aproximadamente 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo. Com os homens, a situação é bem diferente: o número cai para 6%.” (ALMEIDA, 27 out. 2015)

AULAS 5 e 6:

Enquete com os estudantes:

Assinale se você concorda ou não com as afirmações abaixo:

- 1) “A mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada”
() Sim () Não
- 2) “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”
() Sim () Não
- 3) “A mulher deve ter sua primeira relação sexual com um namorado sério”
() Sim () Não
- 4) “A mulher não deve sair com amigos/amigas sem o marido, namorado ou ficante sério”
() Sim () Não
- 5) “A mulher que tem relações sexuais com muitos homens não é para namorar”
() Sim () Não

▶ Após fazer a enquete em sala, verificar o resultado e anotar no quadro o número de respostas Sim e Não para cada pergunta.

▶ Para problematizar a percepção sobre estupro, exibir aos estudantes a reportagem a seguir:

“Um em cada três pessoas diz que estupro é culpa da vítima, diz pesquisa”.
<<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/09/um-em-cada-tres-pessoas-diz-que-estupro-e-culpa-da-vitima-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 22 set. 2016. Mais detalhes sobre essa pesquisa aqui: <http://www.geledes.org.br/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-mulher-em-casos-de-estupro-diz-datafolha/#gs.sd_eeOE>. Acesso: 10 out. 2016.

Debater o vídeo, discutindo questões tais como:

Há semelhanças entre a enquete feita na sala e os números da pesquisa apresentada no vídeo? Comente. O que faz com que 30% dos brasileiros concordem que a vítima (a mulher, em quase todos os casos) é culpada pelo estupro? Quais as consequências para a mulher de ser vista como culpada por ter sido estuprada? Será que no resultado dessa pesquisa estaria

implícita a tese do essencialismo genérico? A afirmação “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” tem fundamento? Compare-a com os dados abaixo sobre estupro.

▶ **“Uma em cada cinco mulheres com menos de 18 anos no mundo já foi vítima de estupro ou abuso sexual.”** (Portal Último Segundo. 05 jun. 2016 – destaque meu). Estudo realizado entre 2011 e 2015 com dados de 133 países.

▶ “Uma mulher é estuprada a cada 11 minutos no Brasil. Só em 2014, o Brasil teve pelo menos **47 mil estupros.**” (ALMEIDA, 27 out. 2015). É um crime **subnotificado**.

▶ “No Brasil, 70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes, e muitas delas engravidam e dão à luz por falta de atendimento médico e orientação.” (MOREIRA, 2016, p. 40)

▶ Estudo sobre estupro publicado pelo IPEA⁵ revela, a partir de dados de 2011, que 88,5% das vítimas são do sexo feminino. E “que **24,1% dos agressores das crianças são os próprios pais ou padrastos e que 32,2% são amigos ou conhecidos da vítima [...]** No geral, **70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados ou amigos/conhecidos da vítima**, o que indica que o principal inimigo está dentro de casa e que a violência nasce dentro dos lares.” (CERQUEIRA; COELHO, mar. 2014, p. 9 – destaque meu)

OS JOVENS E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

Pesquisa dos institutos Avon e Data Popular, realizada em 2014 com jovens entre 16 e 24 anos, mostra que quase todos (96%) percebem o machismo, mas grande parte ainda aprova padrões machistas. Vejamos alguns exemplos:

- 51% acham que a mulher deve ter a primeira relação sexual com um namorado sério;
- 48% acham errado que a mulher saia com amigos/as sem o marido, namorado ou ficante sério.
- 38% acham que a mulher que tem relações sexuais com muitos homens não é para namorar;
- 68% acham errado a mulher ter relação sexual na primeira vez que sair com um homem;

O difícil fim do relacionamento:

- Quase metade das mulheres (45%) teve que cortar contato após o fim do relacionamento, tomando alguma das medidas, tais como: mudar número de celular (18%), parar de usar redes sociais (13%), parar de frequentar lugares que ia regularmente (25%), mudar de cidade (3%), fazer boletim de ocorrência (2%).

A pesquisa completa está disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf>. Acesso 15 out. 2016.

▶ Em grupos:

Elaborar cartazes comparando os dados da enquete realizada em sala com os dados nacionais da pesquisa Datafolha sobre percepção do estupro e com dados da pesquisa Avon e Data Popular. Importante calcular o percentual em relação às questões da enquete da turma. Podem ser 6 grupos: um grupo para cada questão da enquete e outro para sintetizar alguns dados sobre o estupro ou sobre medidas tomadas pelas jovens no fim de um relacionamento.

⁵ IPEA é Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

► Cada grupo expõe os cartazes à turma, procurando destacar o que os dados revelam e o que pensam sobre isso.

ATIVIDADE 3 (no caderno): em duplas ou os mesmos grupos anteriores.

- 1) Os dados da enquete da turma revelam uma cultura machista na sala de aula? O que mais chamou sua atenção nessa enquete?
- 2) Quais as consequências para a mulher de ser vista como culpada por ter sido estuprada?
- 3) O que revela a pesquisa feita com jovens sobre a violência contra a mulher? No resultado das duas pesquisas nacionais e da enquete feita em sala estaria implícita a tese do essencialismo genérico? Justifique.
- 4) De que modo poderíamos usar as ideias das filósofas estudadas em aulas anteriores para questionar o pensamento que se revela nessas pesquisas nacionais e talvez na enquete?

AULAS 7, 8 e 9:

2.2. COMPREENDENDO O FEMINISMO:

Iniciar o tema ouvindo com os alunos um trecho da música “Desconstruindo Amélia”, de Pitty. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>>. Acesso em 14 out. 2016.

Debata sobre a música:⁶

Na música está presente a dupla jornada feminina e a diferença salarial? Comente. Que tipo de educação a personagem da música recebeu? Ela tinha uma vida plena ou vivia só em função dos outros? Vocês conhecem pessoas que vivem assim? O que muda na vida da personagem quando ela deixa de ser Amélia?

- O machismo sempre existiu? Como o feminismo contribui para as mulheres saírem da condição de Amélia?

O MACHISMO SEMPRE EXISTIU?⁷

Desmistificando a idéia de que a sujeição da mulher seja um destino irrevogável, a-histórico e universal, levanta-se a experiência da relação entre os sexos existente na Gália e na Germânia. Eram estas sociedades tribais, cujo regime comunitário designava às mulheres um espaço de atuação semelhante ao dos homens. Conjuntamente, faziam a guerra, participavam dos Conselhos Tribais, ocupavam-se da agricultura e do gado, construía suas casas. As mulheres funcionavam, também,

⁶ Na Grécia Antiga, o filósofo Xenofonte afirmava que a esposa ideal deveria ser semelhante à melissa (abelha rainha) e limitar-se às atividades do lar. No mundo moderno, a melissa reaparece como Amélia, retratada na música *Ai que saudades da Amélia* de Mario Lago e Ataulfo Alves. A Amélia seria aquela que cumpriria os deveres domésticos e aceitaria uma vida de privações materiais. (BITTENCOURT, ago. 2016, p. 17 e 20). A música de Pitty é uma contraposição a essa noção de Amélia.

⁷ Esse título foi inserido aqui para esse material didático. Não está no texto original.

como juízas, inclusive dos homens. Os cronistas romanos, como Tácito e Estrabão, registram com surpresa a posição da mulher nessas sociedades. Da mesma forma, os cronistas europeus do século XVI, chegando à América, se surpreendem com a relevância da posição da mulher entre os Iroqueses e Hurons. Nestas sociedades de caçadores e coletores não havia uma divisão estrita entre economia doméstica e economia social. Inexistia o controle de um sexo sobre outro na realização de tarefas ou nas tomadas de decisões. As mulheres participavam ativamente das discussões em que estavam em jogo os interesses da comunidade.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 8. ed. São Paulo : Brasiliense, 2003, p. 15-16)

Investigar o que é feminismo a partir do vídeo “Feminismo?”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQ6Mcn38vYo>>. Acesso em: 14 out. 2016.

Também é importante explicar aos alunos sobre a história do feminismo, as principais expoentes, algumas das principais reivindicações e conquistas. Pode ser usado o texto complementar que eu desenvolvi. Disponível no link a seguir: <https://drive.google.com/file/d/0BwnIrS9RxKSVbDZSa3g5YU5qNms/view?usp=sharing>

ATIVIDADE 4: com base no texto “O machismo sempre existiu?” e na exposição sobre feminismo. Também pesquisar em outras fontes e fazer as devidas referências. Em grupos, responder as questões no caderno.

- 1) O machismo é uma construção histórica e social ou é algo que *naturalmente* faz parte do homem? Justifique sua resposta.
- 2) Caracterize o movimento sufragista e mostre algumas conquistas para as mulheres alcançadas na revolução russa.
- 3) A partir do que você percebe no dia a dia e do que estudou, responda: o machismo afeta todas as mulheres do mesmo modo, independente de sua classe social, ou existem diferenças? Justifique sua resposta.
- 4) Faça uma pesquisa sobre algumas mudanças que ocorreram ao longo da história na condição da mulher no Código Civil brasileiro.
- 5) Pesquise sobre a violência sexual no metrô e sobre a resistência a essa violência.
- 6) Faça uma pesquisa sobre ao menos 2 grupos feministas, mostrando quais são as principais pautas e formas de luta.
- 7) Busque mais informações sobre a Marcha Mundial de Mulheres e a “Marcha das Vadias”, destacando principalmente quando e por que surgiram essas organizações.
- 8) Pesquise sobre a lei Maria da Penha: por que tem esse nome? Quais as principais mudanças que a lei apresenta para punir a violência contra mulheres? Há tentativas no Congresso Nacional de mudar a lei?

TRABALHO EXTRA-CLASSE:

Escreva um texto dissertativo, de 20 a 30 linhas, argumentando com base nos estudos anteriores, sobre o tema: **A persistência do machismo em nossa sociedade e a resistência a ele.**

3. A ÉTICA:

AULA Nº 10:

Começar a aula com a música “Quatro vezes você” da banda Capital Inicial. Vejamos um trecho:

*O que você faz quando
Ninguém te vê fazendo
O que você queria fazer
Se ninguém pudesse te ver?*

OURO PRETO, Dinho; L, Alvin. Quatro vezes você. Intérprete: Capital Inicial. In.: CAPITAL INICIAL. *Rosas e Vinho Tinto*. BMG Brasil, p2002. 1 CD. Faixa 7.

Dinâmica em sala:

Conversar com os estudantes de maneira breve sobre o que perceberam na música. Em seguida, distribuir pequenos pedaços de papel em branco para cada um. Solicitar que os alunos imaginem que são invisíveis, que terão 24 horas para **fazer tudo o que quiserem e ninguém poderá vê-los**. Pedir para os estudantes escreverem no papel, sem assiná-lo, o que fariam nessas 24 horas. Pedir para eles dobrarem o papel. O/A professor/a recolhe todos os papéis e os lê para a turma. Certamente terão coisas engraçadas, outras totalmente contrárias às regras vigentes na sociedade, etc.

Objetivo da dinâmica: imaginar a vida em sociedade sem nenhuma regra moral ou jurídica.

A partir daí problematizar com os alunos se seria possível ou não viver sem nenhuma regra, quais as consequências disso. Ou se for possível não seguir nenhuma regra externa, se o indivíduo iria elaborar para si suas próprias regras, etc. Na sequência introduzir a abordagem sobre ética.

Conceituando ética e moral:

De acordo com Sílvio Gallo (2013) no livro *Filosofia: experiência do pensamento*, a palavra ética vem do grego “êthos”, que significa “caráter”, “índole”, o modo de ser de um indivíduo ou uma sociedade. Também significa “temperamento”, a ação de cada indivíduo de acordo com sua natureza. A palavra moral vem de outra palavra grega “éthos”, que em latim é

“moris”, significando “costume” ou “hábito”. Para os gregos antigos, a **moral** é tudo o que é feito com base nos costumes partilhados pela comunidade e sem reflexão do sujeito. A **ética**, para os gregos antigos, refere-se “às ações refletidas, nas quais se pensa e sobre as quais se decide de acordo com o temperamento, com o caráter de quem as executa” (GALLO, 2013, p. 138). Ao longo da história da filosofia essas distinções foram objeto de profundos debates, assim como os critérios para se definir o que é uma vida ética, se é possível ou não estabelecer algum critério, etc. Álvaro Valls (1994) no livro *O que é ética*, afirma que a ética é tanto a reflexão sobre os costumes ou ações humanas, como a própria vida relacionada ao que se considera correto. “A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento” (VALLS, 1994, p. 7).

AULA Nº 11, 12 e 13:



FIGURA 1 – Disponível em: <<http://guilhermeulema.blogspot.com.br/2012/11/analises-de-imagens.html>>. Acesso em 02 dez 2016.

Qual a diferença entre a noção de valores de Mafalda e a de Manolito? Qual das duas noções vocês consideram mais importante? Os valores mudam ou são sempre os mesmos?

- **Existe algum valor moral que nunca muda e que vale para todas as sociedades?**

3.1. COTIDIANO, COSTUMES, VALORES E ÉTICA:

Álvaro Valls (1994) nos mostra que as questões da ética fazem parte do nosso cotidiano. Por exemplo: diante de um caso de suborno a um funcionário, podemos nos perguntar o que vale mais: o lucro ou a ética? Numa situação de autoritarismo político (por exemplo, numa ditadura) podemos nos perguntar se uma lei injusta deve ou não ser obedecida. Ou quando temos um “sentimento de culpa” por algo que fizemos, podemos nos perguntar se temos realmente culpa ou não.

Importante considerar também na discussão ética que os costumes mudam de acordo com a época e o lugar. Valls (1994) nos apresenta alguns exemplos: os romanos antigos podiam abandonar uma criança recém-nascida. Na Idade Média, os livros de penitência

afirmavam que “o casamento com uma prima em quinto grau constituía uma culpa mais grave do que o abuso sexual de uma empregada do castelo” (VALLS, 1994, p. 13). Podemos citar um exemplo atual, mencionando o Irã, país onde atos homossexuais são punidos com a morte e homossexuais são forçados a mudar de sexo. (HAMEDANI, 2014). Que valores estão presentes nesses costumes?

Álvaro Valls (1994) afirma que não são apenas os costumes que variam, mas também os valores, as normas concretas, etc. Mas não há um princípio ético que perpassa toda a história da humanidade? Alguém poderia argumentar que esse princípio é a proibição do incesto (sexo entre parentes). No entanto, afirma Valls, a definição de incesto também variou na história. Na Idade Média, em torno do ano 1000, a relação de incesto atingia até o sétimo grau. Por exemplo: casar com uma prima até o sétimo grau era crime e pecado. Nesse contexto, como conhecer a árvore genealógica? O costume dos nobres era casar sem perguntar pela genealogia. Só se preocupavam com o incesto quando queriam anular o casamento; nesse caso conseguiam alguém para “provar” o incesto. Muitas vezes o nobre anulava o casamento para tentar conseguir um filho homem com outra mulher. Como afirma Valls, por trás dessas regras do costume medieval, havia valores mais altos como linhagem, alianças político-militares, etc.

A variação nos costumes e normas também pode ser exemplificada recorrendo à mudança nas leis brasileiras em relação às mulheres, mencionadas no texto sobre feminismo. Por exemplo: segundo Maria Berenice Dias (2008), até a aprovação da Constituição de 1988 só o casamento formava uma família legítima; outros vínculos eram chamados de concubinato e punidos com exclusão social e jurídica, não tendo nenhum direito. Os filhos gerados fora do casamento eram rotulados de ilegítimos, sem direito a procurar sua identidade, pois não podiam ser reconhecidos se o pai fosse casado. Assim, o pai não assumia nenhuma responsabilidade e a mãe “acabava tendo que sustentar sozinha o filho, pagando o preço pela ‘desonra’ de ter um filho ‘bastardo’.” (DIAS, 2008) A Constituição de 1988 proibiu a discriminação dos filhos e o conceito de família foi alterado. Porém, mesmo após 1988 ainda havia itens no Código Civil (que só foi mudado em 2002) que não garantiam a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Um dos que mais revoltava as mulheres, segundo Dias, era que a perda da virgindade era considerada um erro essencial da pessoa. O marido podia pedir anulação do casamento. Mesmo sendo inconstitucional, “ainda havia decisões judiciais anulando o casamento sob esse fundamento.” (DIAS, 2008). Podemos perceber nesses exemplos, como valores morais discriminatórios eram mantidos de geração em geração a ponto de se fixarem nas leis jurídicas brasileiras.

De acordo com Álvaro Valls (1994) a ética não é uma simples listagem dos costumes ou convenções de cada época. Se fosse assim, o comportamento correto seria o adequado aos costumes vigentes; o comportamento errado seria aquele que divergisse dos costumes. No entanto, a ética tem também uma função descritiva de conhecer os costumes das várias épocas e lugares. Além disso, a ética também apresenta grandes teorias, que foram formuladas e reformuladas pelos filósofos desde a Grécia Antiga até hoje.

Proibição de véu islâmico na França:

Assistir o Vídeo: França Proíbe uso de véu islâmico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q3TcSkG6I7c>. Acesso em: 02 dez. 2016.



FIGURA 2. Muçulmana veste um niqab nas proximidades da Catedral de Notre-Dame, em Paris. 11 abr. 2011. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/franca-prende-muculmanas-por-uso-de-veu-4q4zixvktjg3ma7ef1yfh0dvy>. Acesso: 02 dez 2016.

Proibição da Burca segue sendo polêmica na França

Cinco anos após a proibição do uso do véu islâmico integral, especialistas afirmam que lei contribuiu para elevar a divisão da sociedade, e muçulmanos veem decisão como ataque disfarçado ao islã.[...]

Sob a presidência de Nicolas Sarkozy, a França se tornou o primeiro país europeu a adotar a proibição de cobrir o rosto em público. A lei se aplica a lenços, máscaras e capacetes de motos, mas atinge particularmente mulheres muçulmanas que usam o niqab, véu que cobre o rosto e só revela os olhos.

Os apoiadores da proibição argumentam que a cobertura facial contradiz o princípio francês do vivre ensemble, a "convivência". Deputados que votaram a favor disseram também que ela garante a ordem pública e a segurança nacional.

Cinco anos depois, a lei fez isso? "Não é para a 'convivência'", afirma Agnes de Feo, cineasta e socióloga que há anos se dedica ao tema mulheres e o islã. "É para criar uma divisão entre as pessoas. Essas mulheres foram frequentemente insultadas na rua." Em 2013, uma muçulmana grávida teve um aborto depois que dois homens a atacaram para remover seu véu. [...]

Proibição da Burca segue sendo polêmica na França. Portal Terra, 11 abr. 2016. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/proibicao-da-burca-segue-sendo-polemica-na-franca,45af592fe3efd02e6fb47f7183d7df24k4sny1ix.html>. Acesso em: 02 dez. 2016.

ATIVIDADE 5: os estudantes respondem as questões no caderno. Em seguida, debater com a turma as questões 5, 6 e 7.

- 1) Apresente exemplos históricos de mudança nos costumes, valores e normas morais ou jurídicas relacionados à condição da mulher.
- 2) Pesquisa sobre o conceito atual de família na legislação brasileira e sobre as tentativas de mudar esse conceito.
- 3) Existe um vínculo entre valores morais e leis jurídicas? Exemplifique.
- 4) Por que a ética não é uma simples listagem de costumes de cada época? Será que existe algum valor moral que nunca muda e que vale para todas as sociedades? Justifique.

- 5) Observe a figura 1 acima e responda: Qual das duas noções de valor é mais forte em nossa sociedade? Qual delas você considera mais importante? Justifique sua resposta.
- 6) A partir da figura 2, do texto e do vídeo, responda:
- a) O ex-presidente francês Nicolas Sarkozy disse que a lei preserva os direitos das mulheres. Você concorda com essa afirmação? O direito a ser e se vestir diferente, está sendo respeitado? Justifique.
- b) Essa polêmica retrata um conflito entre uma lei jurídica e um costume? Comente.
- 7) Quais as principais diferenças entre normas morais e normas (ou leis) jurídicas?

3.2. ÉTICA E INDIFERENÇA:

Dentre as várias questões que podem ser problematizadas pela ética, uma delas é a da **indiferença**.

O vídeo “Ética e indiferença – ser ou não ser?” é importante nesse sentido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jL_OR0OaGnA&list=PLE82CAD5EA13738B3>. Acesso em 20 out. 2016.

Debate sobre o vídeo: discutir questões, tais como:

O que é indiferença? Cite exemplos de indiferença indo além dos exemplos que aparecem no vídeo. Por que a indiferença é algo anti-ético? Quais as consequências da indiferença? Quais atitudes nós podemos ter para combater a indiferença? Que conceito de moral e ética é apresentado no vídeo? Em sua visão, quais valores precisam ser preservados em nossa sociedade?

ATIVIDADE 6:

Faça um pequeno texto (mínimo 10 linhas), em seu caderno, a partir do vídeo “Ética e Indiferença” e do que foi debatido em sala.

AULA Nº 14:

Iniciar a aula assistindo o vídeo a seguir da organização “Médicos sem Fronteiras”.⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8d-bbBlg7Ao>>. Acesso 03 dez. 2016.

Breve debate sobre o vídeo: o que mais impactou vocês ao assistirem o vídeo? Que valores estão na base de ações como a dos “Médicos sem Fronteiras”? Valores tais como cuidado e solidariedade são importantes para a ética?

⁸ A organização Médicos sem Fronteiras (MSF) leva cuidados de saúde a pessoas envolvidas em crises humanitárias. Foi criada em 1971 na França. Hoje ela está presente em cerca de 70 países e tem mais de 36 mil profissionais. Onde a ajuda médica não é suficiente para garantir a sobrevivência, MSF fornece água, alimentos, abrigos e saneamento. Cerca de 90% do financiamento da organização provém de doações individuais e de empresas. Informações retiradas no site da organização: <http://www.msf.org.br/>. Acesso em: 03 dez. 2016.

- Será que há na filosofia propostas éticas que se aproximem de valores como os que são praticados pela organização “Médicos sem Fronteiras”?

3.4. ÉTICA E FEMINISMO:

Álvaro Valls (1994) afirma que o feminismo, ao defender a libertação da mulher, apresenta exigências éticas que contribuem também para libertar os homens. “A libertação da mulher, como a libertação de todos os grupos oprimidos, é uma exigência ética, das mais atuais. E, como lembraria Paulo Freire [...], a libertação não se dá pela simples troca de papéis: a libertação da mulher liberta igualmente o homem.” (VALLS, 1994, p. 72)

No início do livro *As mulheres na Filosofia*, Maria Luísa Ribeiro Ferreira (2009) nos mostra que o feminismo é filosofia, pois os movimentos feministas⁹ trouxeram várias contribuições à filosofia, abriram novos horizontes. Uma dessas contribuições está no tema da ética: os feminismos têm contribuições relevantes na discussão sobre universalidade dos valores morais e na existência ou não de uma ética feminina. Uma das questões levantadas a partir daí é a seguinte: **é possível falar de uma moral masculina e de uma moral feminina?**

Ferreira vê com bons olhos os estudos que apontam para a existência de uma moral feminina. Um exemplo destes estudos é o da psicóloga estadunidense Carol Gilligan que afirma que há um pensamento moral feminino e outro masculino. O feminino destaca aspectos concretos, com ênfase no envolvimento com os outros. O paradigma em que se integra é o da *relação*, destacando a relação mãe/filho. Já o pensamento moral masculino enfatiza a imparcialidade, objetividade e o distanciamento. O indivíduo é visto em sua autonomia. O paradigma do pensamento moral masculino é o da *transação*, privilegiando relações de tipo contratual. Ainda de acordo com Ferreira (2009), Carol Gilligan questionou o modelo de desenvolvimento moral proposto por seu professor Lawrence Kohlberg que estabelece seis estágios de moralidade. Na sua crítica, Gilligan afirma que os dilemas propostos por Kohlberg ajustam-se aos homens, pois têm critérios e valores do pensamento moral masculino. Porém, as mulheres são sensíveis a dimensões afetivas e de relação, por exemplo, responsabilidade e atenção aos outros. Ao analisarem os dilemas morais, as mulheres se envolvem na situação, são tocadas por situações concretas e não por princípios abstratos. Isso leva as mulheres a ter um desempenho menor na escala de Kohlberg. Gilligan realizou um estudo com um grupo de mulheres, confrontando-as com a questão do aborto. A partir daí ela passou a defender que há uma **ética feminina do “cuidado”**, assentada na capacidade de compreensão, empatia, preocupação com os outros e no amor. Na visão da

⁹ Ferreira chama de movimentos feministas, devido às várias tendências aí presentes.

“ética do cuidado”, a abstração e o não envolvimento atrapalham a compreensão da problemática moral. Segundo Tânia Aparecida Kuhnen (2014), Gilligan não afirma que há uma essência feminina pelo fato de ter uma voz moral diferente dos homens. O problema para ela está na sociedade patriarcal, na qual ser homem é estar no alto da hierarquia social. Saber que os sujeitos têm diferentes vozes morais e que podem lidar com os problemas morais de outro modo, tem um potencial de transformação da sociedade. Ouvir a voz diferente da moralidade é um caminho para transformar a estrutura patriarcal. “Na sociedade não-patriarcal, homens e mulheres podem ser livres para o exercício de diferentes vozes morais. Ambos são livremente capazes da justiça, da autonomia e do cuidado responsável nas relações.” (KUHLEN, 2014, p. 3) Segundo Kuhnen, Gilligan entende que a moralidade masculina e a feminina devem ser complementares.

No Brasil uma das autoras que defende uma ética feminina é Maria da Penha F. S. de Carvalho (2006). No artigo, “Ética e gênero: a construção de uma sociedade mais feminina”, Carvalho defende uma ética feminina e propõe a feminização da sociedade. A **feminização da sociedade** é uma mudança radical nos valores, conceitos e princípios. Uma sociedade mais feminina será aquela que reconheça e acolha qualidades culturalmente associadas à mulher. Uma ética do ponto de vista feminino não é exclusivamente o ponto de vista da mulher. O “**feminino**” é entendido pela autora como um termo abrangente que designa sentimentos de cuidado, simpatia, compaixão, experiências de solidariedade, afetos, etc, que são *culturalmente* associados à mulher. “Feminino” é um conceito que serve de base para a crítica às éticas racionalistas excludentes, que, segundo Carvalho, surgiram na modernidade e ainda predominam atualmente. Essas éticas associam o “masculino” com o racional e o “feminino” com o sensível; como são estritamente racionalistas excluem as mulheres da dimensão ética.

ATIVIDADE 8: realizar em grupos e anotar no caderno.

- 1) Estabeleça relação entre ética e feminismo.
- 2) As ações realizadas pela organização “Médicos sem Fronteiras” estão mais próximas da moral feminina ou da moral masculina, tal como a classifica Carol Gilligan? Por quê?
- 3) De que modo levar em conta as diferentes vozes morais, como defende Gilligan, tem um potencial de transformação da sociedade? O que você pensa disso?
- 4) A proposta de Carvalho de feminização da sociedade pode contribuir para uma sociedade melhor? Por quê? Partindo das ideias da autora, descreva alguns aspectos de como seria no dia a dia uma sociedade mais feminina.

AULA Nº 15:

AVALIAÇÃO:

- 1) Atualize a tese do essencialismo genérico defendida por muitos filósofos. Apresente ao menos uma evidência histórica de que essa tese é falsa. (valor: 15 pontos)
- 2) Leia abaixo os fragmentos de texto da filósofa Christine de Pizan:

“Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.” (PIZAN, Christine de. A Cidade das Damas. Apud.: NERI, 2013, p. 76)

“Se fosse costume mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como se fazem aos meninos, elas aprenderiam da mesma forma que estes e compreenderiam as sutilezas das artes e das ciências, tal como eles.” (Christine de Pizan. Apud.: ALVES; PITANGUY, 2003, p.19)

Faça uma breve contraposição das ideias de Christine de Pizan com as de Platão ou de Aristóteles sobre a mulher, mostrando como ela se opõe à tese do essencialismo genérico. Em seguida apresente as ideias de outra filósofa estudada sobre a defesa dos direitos das mulheres. (valor: 20 pontos)

- 3) Defina o feminismo e apresente dois momentos históricos significativos das lutas e/ou conquistas feministas. (valor: 15 pontos)
- 4) Apresente exemplos históricos de mudança nos costumes e normas morais ou jurídicas relacionados à condição da mulher. (valor: 15 pontos)
- 5) Diferencie moral e ética. Argumente sobre a importância da reflexão ética em nossa sociedade: você pode tratar de itens que estudamos, tais como a indiferença, a liberdade, as lutas feministas, o conflito entre lei e costume, etc, ou pode relacionar com questões não tratadas em aula. (valor: 20 pontos)
- 6) Apresente ao menos uma contribuição do feminismo para a ética e mostre o que mudaria na sociedade com a proposta ética de uma sociedade mais feminina. (valor: 15 pontos)

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS (PROFESSORES/AS):

Essa primeira unidade do material didático abordou o tema do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola de maneira geral, sem se aprofundar nas três filósofas selecionadas no Projeto. Tentei assim, contribuir no sentido de introduzir os estudantes na temática para posterior aprofundamento.

Tentei seguir os quatro passos metodológicos presentes nas Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná: mobilização para o conhecimento ou sensibilização,

problematização, investigação e criação de conceitos.¹⁰ Em alguns casos, acredito que todos esses passos estão presentes em uma única aula; em outros casos em várias aulas. De qualquer modo é uma tentativa para tratar a filosofia de maneira significativa com os estudantes do Ensino Médio. Nas avaliações também procurei seguir as orientações das Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná. Nas unidades 2, 3 e 4 dessa Produção Didática, esse mesmo procedimento é adotado.

O somatório das atividades realizadas pode constituir uma das notas do trimestre ou bimestre, o que ficará a cargo do/a professor/a em proceder desse modo ou não. O trabalho dissertativo solicitado de forma extra-classe também constitui uma nota do trimestre ou bimestre, assim como a avaliação aplicada ao final da unidade 1.

Os textos e atividades desenvolvidas na unidade 1 estão organizados no sentido articular o tema geral da pesquisa que é *As mulheres na filosofia, o feminismo e a ética*. Porém, isso não impede que o/a professor/a utilize apenas uma parte maior ou menor do material aqui disponibilizado. Alguns textos são abordados através de slides ou outra forma de explicação, outros diretamente com a leitura em sala pelos alunos sem uma explicação prévia. As atividades estão relacionadas aos textos e aos vários outros recursos usados nas aulas. É importante, portanto, que os alunos tenham todos os textos em mãos.

Quanto ao item sobre a problematização do machismo e reflexão sobre a situação da mulher, utilizei vários dados de pesquisas relacionadas ao tema porque esse é um assunto que gera polêmicas e é importante que a discussão esteja apoiada em dados científicos, visando questionar as opiniões do senso comum, muitas vezes carregadas de preconceito. Gaboardi (2014), no texto “Um caminho para a diversidade de gênero no ensino de filosofia”, sugere que o primeiro passo para abordar a diversidade de gênero nas aulas de filosofia seja informação, pura e simples. O autor afirma que pode-se trabalhar com professores de outras áreas, realizar estudos em outras áreas ou que os alunos pesquisem sobre informações específicas. Há vários outros passos sugeridos no texto citado. Concordo com essa ideia do autor e acho que se aplica ao tema aqui abordado, que não é exatamente o mesmo.

¹⁰ Para mais detalhes, consultar as páginas 59 a 61 das Diretrizes Curriculares de Filosofia (PARANÁ, 2008). Também GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. Revista Ethica. Rio de Janeiro, v. 13, nº 1, p. 17 a 35, 2006. Para uma análise filosófica da sensibilização no ensino de filosofia, ver: HEUSER, Ester Maria Dreher. A filosofia da discórdia de Gilles Deleuze e a necessidade de uma educação dos sentidos: para pensar o “momento da sensibilização” no ensino de filosofia. *Revista Fermentário*, Nº 7, V. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/143>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

No texto que escrevi “O que é feminismo”, disponibilizado como material complementar, embora tenha ficado um pouco extenso, há uma questão que não pôde ser desenvolvida e acredito que seja importante para professores/as que queiram usar o texto. É sobre as correntes do feminismo. Para que os/as professores/as tenham uma abordagem mais detalhada, apresento as duas classificações que nos mostra Ferreira (2009) no livro *As mulheres na Filosofia*. Certamente essas classificações não esgotam o tema, mas permitem uma noção geral das diferenças internas do feminismo ou dos “feminismos”, como denomina Ferreira. Na primeira classificação, Ferreira se apoia em Janet R. Richards, que considera apenas dois grandes grupos feministas: as liberais e as radicais. O *feminismo liberal* defende a igualdade. É um movimento reivindicatório, que exige igualdade de direitos entre homens e mulheres. A luta só terminará quando essa igualdade for atingida. O feminismo igualitário também é defendido por homens. Essa orientação liberal se iniciou na Idade Moderna e a figura de destaque é a inglesa Mary Wollstonecraft, com duas importantes obras no final do século XVIII. O *feminismo radical* defende um modo feminino de estar no mundo, pretendendo que a sociedade se transforme a partir daí. Há uma reavaliação positiva dos valores femininos. A sexualidade masculina é entendida muitas vezes como forma de poder, que perpetua o domínio. Essa tendência recebeu um importante incremento a partir dos anos 70 do século XX, quando a estadunidense Betty Friedan aderiu à temática da diferença e publicou uma obra nessa orientação.

A segunda classificação das tendências feministas que Ferreira (2009) nos apresenta, apoia-se em Judith Evans. Ela apresenta uma gama mais ampla de tendências, destacando: liberais, radicais, socialistas, culturais e pós-modernas. O *feminismo liberal* afirma que com exceção das diferenças biológicas, todas as outras diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas. Defende oportunidades iguais entre homens e mulheres. A partir dos anos 60 do século XX, o feminismo liberal mantém a defesa da igualdade, mas também dá relevância à diferença. “As mulheres já não pretendem ‘ser como os homens’, antes exigem que seus valores sejam considerados” (FERREIRA, 2009, p. 23). Alguns nomes dessa tendência são Susan Okin, Alice Rossi, Betty Friedan (primeira fase), dentre outras. O *feminismo radical*, por sua vez, surge nos EUA na luta pelos direitos dos negros, contra o capitalismo e as instituições em que ele se apoia. Diferente das liberais, as feministas radicais defendem um processo revolucionário com liderança feminina. Defendem a democracia participativa e uma visão basista contra as elites, líderes e hierarquias. Alguns dos nomes

dessa tendência são Shulamit Firestone e Juliet Mitchell.¹¹ Já o *feminismo socialista* tem uma preocupação quanto ao papel das mulheres na democracia, considerando-as desfavorecidas como outros grupos. Segundo Ferreira, Iris Marion Young é a que mais se destaca nessa tendência, pois inicia defendendo um radicalismo revolucionário e depois defende um “socialismo de rosto humano”¹², com papel determinante das mulheres. O *feminismo cultural* integra várias escolas que realçam de modo positivo uma cultura feminina. É nessa tendência que as pesquisas na área da filosofia mais se destacam. É um movimento essencialista. Pretende realçar características femininas, não mudar o mundo. As preocupações são a maternidade, a defesa da ecologia e da ética do cuidado, aproximação com a natureza e com a terra. Dentre as pesquisadoras que fazem parte dessa tendência estão Sara Ruddick, Mary Daly e a psicóloga estadunidense Carol Gilligan.¹³ Por último, os *feminismos pós-modernos* são influenciados pelos filósofos Derrida e Foucault. Segundo Ferreira, no pensamento destes filósofos está presente o relativismo, a rejeição de leituras privilegiadas do real e das grandes narrativas. Isto se constitui num desafio à causa feminista, pois esses pensadores contestam as oposições clássicas natureza/cultura, masculino/feminino, sexo/gênero. Com a pós-modernidade há a perda da identidade e a fragmentação do sujeito. Assim, há uma ameaça ao tema feminista, pois o sujeito das reivindicações é posto em causa. Porém, por outro lado, esta temática se amplifica, pois passam a ter voz muitos outros grupos que se consideram diferentes: lésbicas, mulheres negras, etc. Alguns dos nomes mais importantes dos feminismos pós-modernos são Judith Butler, Joan Scott e Luce Irigaray.

¹¹ Obviamente há divergências quanto à classificação das autoras nas tendências feministas. Para exemplificar, Maria Lygia Quartim de Moraes (2015), no texto “Pós-modernismo, marxismo e feminismo” coloca Juliet Mitchell como parte da tradição marxista e socialista do feminismo. Juliet Mitchell escreveu a obra *Mulheres, a revolução mais longa*. Nesse texto de polêmica com Ellen Wood, Moraes também afirma que Luce Irigaray não é uma autora pós-moderna. Essas são algumas diferenças com as classificações de Ferreira (2009).

¹² Considero no mínimo problemática essa expressão usada por Ferreira, pois deixa implícito que o socialismo, em geral, seria desumano e a posição de Iris Marion Young seria uma exceção ou uma das exceções.

¹³ Tânia A. Kuhnen (2014), utilizada no texto didático “Ética e feminismo” parece ter uma interpretação diferente sobre Carol Gilligan, pois não considera sua teoria essencialista e afirma que há uma preocupação da autora com a mudança da sociedade, no caso, o combate ao patriarcado.

UNIDADE II

HELOÍSA: DRAMA AMOROSO, VIDA RELIGIOSA E FILOSOFIA

AULA Nº 16:

Iniciar a Unidade com a música “Monte Castelo”, da banda Legião Urbana, que nos fala sobre o amor. A música usa versos da Bíblia e de Camões (REZENDE, 2012). Música Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/monte-castelo.html>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

Debate a partir da música: como o amor é apresentado? Vocês conhecem pessoas que viveram ou vivem uma grande história de amor? Quais as histórias de amor famosas que vocês conhecem? É possível um amor puro? Será que uma relação amorosa pode apresentar também elementos filosóficos?

Nesta unidade estudaremos sobre a filósofa Heloísa, seu amor puro em relação a Abelardo e as contribuições filosóficas que surgiram em meio a essa história de amor e a vida religiosa. A história desse amor inicia-se em Paris no século XII, mas teve impactos durante vários séculos e ainda hoje é estudada e representada no cinema.

1. HELOÍSA E ABELARDO NO CONTEXTO DO SÉCULO XII:

A filósofa francesa **Heloísa de Paráclito** (1101-1164) nasceu na França, que na época não era ainda um país unificado. Do que se sabe de sua vida, quase toda esteve ligada ao seu grande amor, o filósofo Pedro Abelardo (1079-1142), com o qual teve um filho, casou-se secretamente e, por algumas razões, posteriormente, ambos se comunicaram principalmente através de cartas. Heloísa destacou-se por sua inteligência, dedicação à vida religiosa e aos estudos, bem como por ter divergido de Abelardo em várias questões. Na introdução do seu livro *Abelardo-Heloísa, Cartas* Zeferino Rocha (1997) afirma que as cartas entre Abelardo e Heloísa são um documento de destaque na história medieval. No século XII ocorreram profundas transformações na vida econômica, política, sociocultural e religiosa. Abelardo e Heloísa viveram entre dois mundos: **o das escolas e o dos mosteiros**. A estrutura desses dois mundos foi modificada no século XII com o renascimento cultural e religioso. Com o desenvolvimento urbano, as escolas começaram a florescer na sombra das Catedrais nas grandes cidades. Sobretudo Paris passou a ser o palco do desenvolvimento cultural.

José Carlos Estêvão, em um trecho do livro *Abelardo e Heloísa*, descreve o que era ser professor e o que era uma escola na Europa do século XII.

Naquele momento, o que fazia de alguém um professor era ter alunos. Ainda estava longe a organização da corporação de ofício dos ‘mestres e estudantes’, a Universidade e o estabelecimento de colégios, currículos e graus acadêmicos. Uma escola se resumia a um professor e seus alunos (que pagavam ao professor). Ou quase só isso: em geral, eram ‘escolas catedrais’, dependendo da licença do bispo. Portanto, boas relações também ajudavam. (ESTÊVÃO, 2015, p. 10)

Segundo Rocha (1997), a teologia tinha papel central na época e os intelectuais dos séculos XI e XII preocupavam-se em renovar os estudos sobre Deus. O movimento de renovação enfrentou opositores. Havia a disputa entre dialéticos e antidialéticos, o que transformou o século XII num século de contrastes vivos. Abelardo encarnou em sua pessoa o jogo de contrastes. Os contrastes daquele século são bem ilustrados pela teologia, pois a visão de mundo medieval era **teocêntrica**. Do encontro com a dialética surgiu um **novo método**, que começou a questionar os textos sagrados para compreendê-los mais a fundo, mas mantendo o sentido do mistério. Foi uma preparação ao método escolástico que teve seu auge no século XIII. Abelardo foi incomparável na arte da dialética em sua época. Os antidialéticos viam isso como “um perigo para a pureza da fé” (ROCHA, 1997, p. 44).

Conforme afirma Rocha (1997), Abelardo era filho de pessoas nobres e destinado a ser cavaleiro. Abandonou a herança para se dedicar aos estudos. Tornou-se discípulo de Guilherme de Champeaux, então o mais conceituado filósofo da época. Posteriormente Abelardo se tornaria rival deste filósofo. Também foi estudar as Sagradas Escrituras com um teólogo famoso, chamado Anselmo de Laon, mas logo entrou em atritos com ele. Estêvão afirma que o modo de filosofar na época tornou-se abertamente agressivo: “não é diálogo nem meditação, é confronto, *disputa*.” (ESTÊVÃO, 2015, p. 7). Segundo Estêvão, foi enfrentando seus antigos mestres e aliando-se com algumas pessoas poderosas que Abelardo conseguiu tornar-se professor na Igreja de Notre-Dame, em Paris. Rocha (1997) afirma que a Escola-Catedral de Paris era a mais célebre do mundo. “Era o apogeu da fama e da glória” (ROCHA, 1997, p. 10). Foi então que Heloísa surgiu em sua vida. A paixão ao saber de Abelardo foi substituída pela paixão amorosa.

Rocha (1997) nos mostra que Heloísa teve uma educação aprimorada na Abadia de Argenteuil, desde muito cedo. Tinha uma cultura fora do comum, raríssima entre as mulheres da época. Isso permitiu que ela frequentasse a Escola-Catedral de Paris onde seu tio Fulberto era tutor e cônego. Assim, ela começou a participar do mundo de Abelardo.

Posteriormente estudaremos em mais detalhes a história de Heloísa e Abelardo: o drama amoroso, os dilemas morais, a reflexão filosófica, etc. Segundo Estêvão (2015) as cartas de Heloísa e Abelardo tiveram muita influência nos séculos seguintes. Por exemplo: eles eram bem conhecidos no século XV, no século XVIII o filósofo Rousseau escreveu uma

obra cujo título é *Júlia ou a Nova Heloísa*, no século XIX o governo francês mandou publicar todos os escritos de ambos, o que fez multiplicar as traduções, aumentou o número de peças de teatro e biografias de Heloísa e Abelardo. Mais recentemente a história dos dois foi registrada no cinema, como veremos.

ATIVIDADE 9:

Após ler o texto, responda as questões em grupos no caderno:

- 1) Faça uma pequena comparação entre a escola na Europa do século XII e a atual.
- 2) Como era o novo método defendido pelo filósofo Pedro Abelardo?
- 3) Quais as outras histórias de amor que você já ouviu falar que se tornaram famosas e são lembradas, estudadas ou representadas até hoje? Na sua visão, quais os motivos que fazem com que a história de Heloísa e Abelardo tenha se tornado um filme e seja estudada hoje?
- 4) Heloísa tinha um amor puro ou desinteressado em relação a Abelardo. Hoje ainda temos exemplos assim? Em caso afirmativo, quais exemplos você conhece ou teve informações?

Extra-classe:

- 5) Faça uma pesquisa sobre a condição da mulher na Idade Média, destacando aspectos como a vida cotidiana, se podiam ou não estudar e trabalhar fora, vestimentas, etc. Não esqueça de fazer as referências do material consultado nessa pesquisa.

AULAS 17, 18, 19 e 20:

Assistir o filme *Em nome de Deus* (dirigido por Clive Donner, 1988) que retrata a vida de Heloísa e Abelardo. Duração: 115 minutos.

Debater alguns aspectos do filme. Em seguida, em dupla, os alunos fazem a atividade abaixo. Pode-se discutir as questões da atividade durante debate do filme:

ATIVIDADE 10: sobre o filme *Em Nome de Deus* (em dupla, no caderno)

- 1) Comente algumas cenas em que se destaca a grande inteligência de Heloísa. Isso era algo comum para uma mulher do século XII? Que tipo de críticas se fazia aos métodos de ensino de Abelardo?
- 2) No filme há algumas cenas em que é retratada a mulher como parteira e responsável pela saúde. Relate e comente sobre uma dessas cenas.
- 3) Por que Abelardo propôs um casamento secreto com Heloísa? Heloísa casa-se com Abelardo, mesmo não concordando com o casamento. Por que ela se posicionou contra o casamento?
- 4) Abelardo julgava que a sua castração era a justa vingança de Deus aos seus pecados. Heloísa concordava com essa ideia? Comente. O que levou Heloísa a se tornar monja contra a própria vontade?

Referência do filme:

EM NOME de Deus. Direção: Clive Donner. Produção: Susan George, Simon MacCorkindale e Andros Epaminondas. EUA: Amy International/Jadran Film, 1988. 1 DVD (115 min)

2. AS CARTAS DE ABELARDO E HELOÍSA:

Grande parte do que se sabe hoje sobre o drama de Heloísa e Abelardo provém das cartas que ambos escreveram. Nesse momento será feita uma breve apresentação das cartas mais importantes. Isso será importante para buscar as contribuições filosóficas, principalmente as de Heloísa, que mais nos interessam nesse trabalho.

Uma apresentação sobre as cartas pode ser feita com o texto complementar que escrevi e está disponível no link a seguir:
<https://drive.google.com/file/d/0BwnIrS9RxKSVOHhyUDFGZFNnWjA/view?usp=sharing>

AULAS 21 e 22:

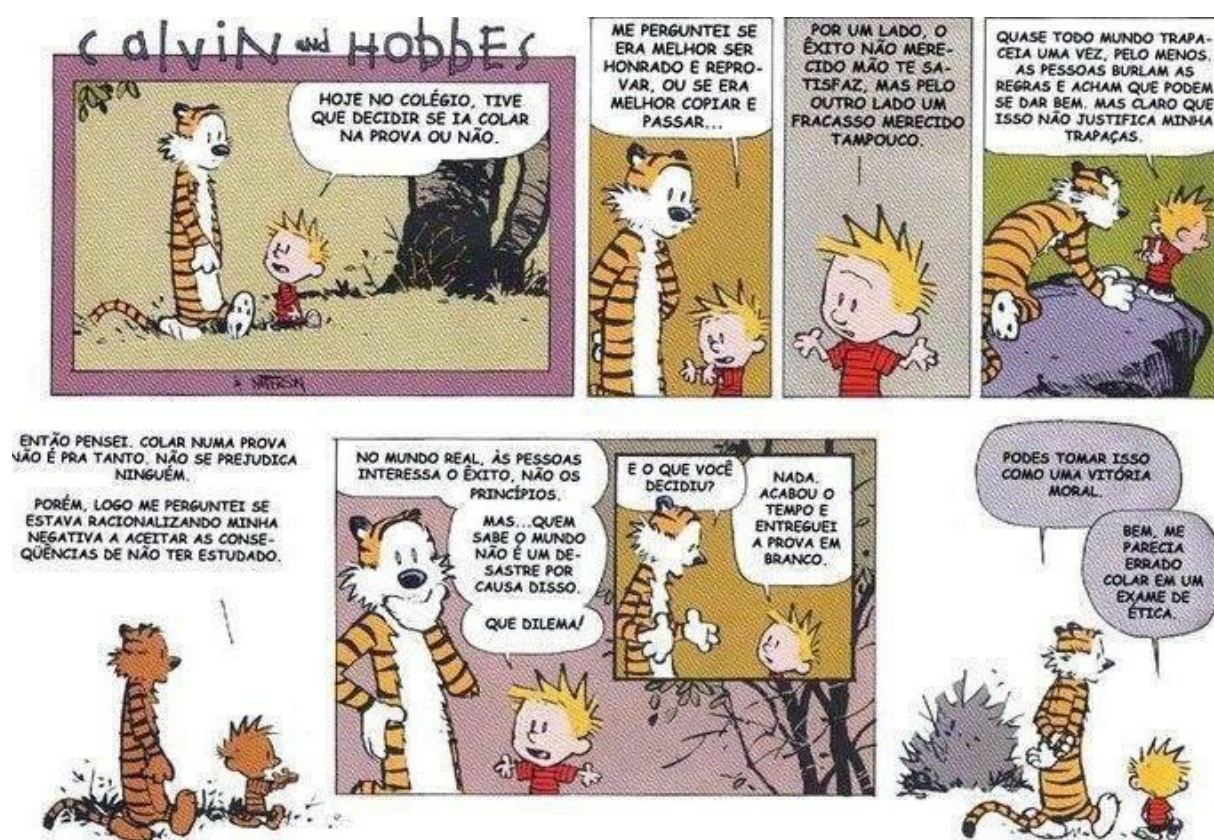


Figura 3 Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/sopadelivros/category/literatura-fantastica/>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

Qual é o dilema moral do menino Calvin? Você já enfrentou um dilema moral? Como o resolveu.

Veremos, entre outras coisas, qual era o dilema moral de Heloísa e como ela o enfrentou.

3. ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS DE HELOÍSA:

Em quais aspectos, por exemplo, Heloísa se destacou e se diferenciou de Abelardo? Como ela aborda as questões éticas? Teria ela sido mais consequente que Abelardo em termos éticos? Podemos falar de contribuições de Heloísa para a condição da mulher?

3.1. Heloísa à frente de seu tempo:

Desde muito jovem Heloísa se mostrou extremamente inteligente com grandes “habilidades em latim, grego e hebraico.” (RANGEL, 2010, p. 79) Ela já era muito conhecida na França antes de conhecer Abelardo. Segundo Patrícia Rangel (2010), Heloísa superou todas as mulheres do seu tempo e quase todos os homens, dedicando-se à lógica, física, filosofia e, com a entrada na vida religiosa, estudou profundamente o Evangelho e os grandes nomes da Igreja. Desde muito jovem ela rompeu com a tradição e a moral de sua época, ao enfrentar o relacionamento escondido com seu mestre e se contrapor ao dogma do casamento e da virgindade.

Quando Heloísa se posicionou contra o casamento com Abelardo, fez isso apoiada principalmente em argumentos de filósofos como os romanos Cícero e Sêneca, bem como de teólogos, como São Jerônimo. Abelardo apresenta na carta I vários argumentos de Heloísa contra o casamento, embora Heloísa afirme na carta II que ele não falou sobre todos. **Mas o que estava errado com o casamento?** Estêvão (2015) afirma que havia duas ordens de razões, uma relacionada diretamente a Abelardo e outra (que era superior) relacionada a Heloísa. Abelardo, como todo professor medieval, era um clérigo, ou seja, tinha “licença” da Igreja Católica para ensinar. Ele não estava proibido de casar, mas este seria um sinal de fraqueza.¹⁴ Mais do que isso, casar significava submissão, já que há obrigações conjugais. E o casamento iria comprometer “a posição de Abelardo como filósofo.” (ESTÊVÃO, 2015, p. 21), pois tanto os filósofos como os “santos” eram contra o casamento dos sábios argumentando que “ninguém pode dedicar-se igualmente à filosofia e a uma mulher.” (ESTÊVÃO, 2015, p. 20). Havia outros motivos para Heloísa ser contra o casamento, dentre eles razões específicas dela, o que pode ser visto num trecho na carta II:

Jamais (Deus o sabe) procurei, em ti, senão a ti mesmo. Somente a ti desejei, não as tuas coisas. Nada esperei do contrato matrimonial, nem vantagens de qualquer espécie, nem tampouco procurei (como sabes) fazer meus desejos nem minhas vontades, mas os teus. E, mesmo que o nome de esposa parecesse mais santo e mais valioso, foi para mim sempre mais doce o de amante, ou, se não te indignares, o de concubina ou de mulher da vida, para que quanto mais por tua causa me humilhasse, maior favor obtivesse junto a ti e, desse modo, também menos ofendesse a glória de tua grandeza. Tu mesmo não te esqueceste disso completamente, naquela carta (à qual antes me referi), escrita para a consolação de um amigo [...]. No entanto, silenciaste muitas razões, pelas quais preferia o amor ao casamento e a liberdade ao vínculo conjugal. (HELOÍSA, Segunda Carta. In.: ROCHA, 1997, p. 185)

¹⁴ Rocha (1997) afirma que o clérigo é o primeiro degrau na formação do sacerdote (até hoje). No século XII o clérigo era “tonsurado”, ou seja, cortava parte dos cabelos no alto da cabeça, significando que o sentido de sua vida era servir a Deus. Caso se casasse não deixava de ser clérigo, mas perdia seus benefícios e era “discriminado” pela comunidade medieval. Nesse caso ficaria numa situação ambígua, pois a tonsura era sinal de continência (abstinência de sexo), mas enquanto casado viveria com uma mulher. O casamento dos clérigos era “um remédio para ajudar a fraqueza dos incontinentes. Ora, Abelardo não se resignava a ser um fraco!” (ROCHA, 1997, p. 317, nota 83).

Aqui é possível perceber a preocupação de Heloísa com Abelardo e também, como diz Rocha (1997, p. 335) um esvaziamento do eu ao exaltar o objeto do amor. Mas há também algumas indicações sobre os motivos da própria Heloísa. Por exemplo, Heloísa não queria que se pensasse que ela fosse “interesseira”, nem que estivesse preocupada apenas com seus desejos. Para Estêvão (2015), a posição de Heloísa é de afirmação da liberdade, do amor como movimento interior contra a instituição (casamento), o que seria a tradução prática de teses de Abelardo.

Rangel (2010) afirma que para nós hoje é difícil entender e aceitar os motivos do casal, mas para Heloísa e Abelardo era evidente a vergonha que o casamento provocaria a Abelardo e atingiria também Heloísa, a qual seria vista como cúmplice de um crime que tiraria Abelardo da classe dos filósofos. Heloísa e Abelardo concordavam que a grandeza de um filósofo dependia de sua continência. Mas tiveram atitudes diferentes a partir daí: Abelardo, preocupado com sua reputação e guiado pela vaidade, queria o casamento secreto. Já Heloísa era contra qualquer casamento, “pensando na grandeza de seu amado, desejando sua glória e guiada por uma perfeita retidão” (RANGEL, 2010, p. 82)

3. 2. O Problema moral e a ética da intenção:

De acordo com Rangel (2010), o **problema moral** com o qual Heloísa se deparou era o seguinte: ela considerava-se culpada, mas também inocente. Culpada por ter casado com Abelardo, mesmo o fazendo contra a vontade. Ela culpava-se pela vingança do seu tio Fulberto (castração de Abelardo) e pela desgraça que ocorreu com Abelardo. Mas se considerava inocente ao ter sido amante de Abelardo e, assim, nunca se arrependeu disso. Rangel afirma que para tranquilizar-se em relação a esse dilema, Heloísa utiliza-se da **doutrina do amor puro e da moral de intenção**.

Apoiando-se no estudioso Etienne Gilson, Patrícia Rangel (2010) afirma que o fundamento da vida de Heloísa era não ter reservado nada para si. Ela amava Abelardo de forma desinteressada e completa. Esse amor total fundava-se na doutrina do filósofo romano Cícero sobre a natureza desinteressada da amizade. **Heloísa foi instruída por Abelardo, mas soube colocar essa doutrina em prática melhor que ele**. Isso se manifesta em sua recusa do casamento e, mais tarde, como abadessa do Paraclete, Heloísa conclui que sempre amou Abelardo sem esperar nada dele. Porém, o amor de Abelardo nunca foi puro, o que ele sentia era apenas desejo.

Segundo Estêvão (2015) Abelardo desenvolveu o tema da ética numa obra chamada *Conhece-te a ti mesmo* e também em outros textos, como as *Conferências*. Heloísa levou às últimas consequências a ética de Abelardo. A ética ou moral (os termos são sinônimos para

Abelardo) “trata das virtudes e dos vícios da alma que tornam os homens dignos ou de louvor ou de censura.” (ESTÊVÃO, 2015, p. 57). Abelardo reformula a noção de pecado. Pecado é diferente de vício e vontade má. “Pecado é ‘desprezar a Deus’, isto é, *não* fazer o que cremos que Deus exige que se faça, ou *não* deixar de fazer o que cremos que Deus proíbe que se faça.” (ESTÊVÃO, 2015, p. 59). Deus só pode ser ofendido de um modo: pelo desprezo. O pecado não está no que se faz, mas na *intenção* de desobedecer à lei de Deus. **A avaliação moral está na intenção.** Por exemplo: se há firme intenção de adultério ou de matar alguém e não se faz por falta de oportunidade ou medo do castigo, o pecado já foi cometido. O pecado é uma questão de consciência. Estêvão (2015) afirma que a ética de Abelardo não é uma teologia, pois a definição de pecado ocorre na consciência humana. Cada ser humano pode examinar sua consciência, mas é preciso uma norma que seja o critério para esse exame de consciência. Cada indivíduo tem acesso a sua consciência e Deus sabe o que está na consciência de cada indivíduo. Assim, a norma é “fazer a vontade de Deus”, que é uma vontade racional. Não sabemos exatamente qual é a vontade de Deus, mas podemos ter uma *estimativa*. De acordo com Estêvão (2015), Abelardo, sempre provocador, afirma que os soldados que pregaram Cristo na cruz não cometeram pecado, pois não sabiam o que faziam e não tinham intenção de matar Deus encarnado. Mas erraram quanto à vontade de Deus e, assim, são culpados. Culpa e pecado são coisas diferentes. Abelardo afirma que não há pecado original, mas Deus continua irado com os homens e a culpa permanece. Os seres humanos precisam da graça para se salvar. Segundo Estêvão, a ética da intenção de Abelardo é rigorosa e teve enormes consequências para a Igreja Católica. Uma delas é que os homens não podem julgar os pecados, mas apenas Deus pode fazê-lo, pois “só Deus conhece a intenção e julga de acordo com ela, e não segundo o que os homens fazem ou dizem.” (ESTÊVÃO, 2015, p. 62). Assim, não há sentido em confessar os pecados ao padre e pedir absolvição. Abelardo sugere a confissão apenas por humildade e respeito à ordem. De acordo com Estêvão (2015), na obra *Conferências* Abelardo, entre outras coisas, procurou mostrar a superioridade da ética cristã frente à ética judaica e a ética dos não religiosos.

Estêvão (2015) afirma ainda que a “História das Calamidades” de Abelardo e as cartas de Heloísa são um exame de consciência, em que ambos pretendem conhecer melhor os desejos e inclinações, as intenções de suas ações e analisar se são compatíveis com a vontade de Deus. Heloísa faz isso de modo exemplar. **Mas de que modo Heloísa levou às últimas consequências a ética de Abelardo?** Teremos que voltar à noção de amor. Vimos anteriormente que o amor de Heloísa é um amor puro, desinteressado. Segundo Estêvão (2015), Heloísa aprendeu com Abelardo que “conhecer a si mesmo” está limitado à

consciência de cada um. Assim, a identidade do indivíduo é preservada e o amor de Heloísa também é o amor por um indivíduo, ou seja, por Abelardo. É um amor puro em suas intenções, mas não pode ser transferido para Deus e, com ele, para todas as pessoas. Ora, é isso que Abelardo cobra de Heloísa na carta V, na qual, entre outras coisas, afirma que Heloísa não era mais sua esposa, mas esposa de Cristo. Além disso, afirma que não amava Heloísa verdadeiramente, mas Cristo a amava. Ou seja, Heloísa foi mais consequente que o próprio Abelardo em aplicar a sua ética da intenção.

Podemos ver a aplicação da ética da intenção nas palavras de Heloísa, na carta II:

Sou muito culpada, mas, como sabes, sou muito inocente, pois no delito, o que conta não é o que é feito, mas a intenção do agente. A justiça pondera não as coisas realizadas, mas a intenção com a qual elas são realizadas. Que intenção, porém, sempre tive a teu respeito, só tu que fizeste a experiência podes julgar. Tudo submeto ao teu exame e tudo cedo ao teu testemunho. (HELOÍSA. Segunda Carta. In.: Rocha, 1997, p. 189)

Deste modo, como afirma Rangel (2010) um ato pode ser legítimo e culpável ao mesmo tempo. Foi essa a doutrina que Heloísa usou para acalmar seu coração e se convencer da pureza do seu amor. Rocha (1997, p. 346, nota 24) afirma que do ponto de vista ético, Heloísa, ao compartilhar da ética da intenção, não se considerava culpada pela desgraça de Abelardo. Mas do ponto de vista da lógica do coração era diferente. Por isso ela diz várias vezes que causou a desgraça do esposo.

Como afirma Rangel (2010), a moral da intenção se voltava contra Heloísa em relação a Deus e as boas ações que ela praticava. A ação só é boa se a intenção for igualmente boa. Heloísa afirma seu amor por Abelardo, não por Deus. Realizar boas ações sem amar a Deus não contribui com a salvação. Rocha (1997, p. 337, nota 37) também tem a mesma interpretação: devido à ética da intenção, Heloísa julga ser inocente no seu amor, mas também julga nada merecer de Deus, mesmo tendo uma conduta exemplar como religiosa. Vejamos as palavras de Heloísa na carta II quanto a essa questão:

Não foi o amor pela vida religiosa, mas somente uma ordem tua que levou uma jovem adolescente às asperezas da vida monástica. Portanto, se nada mereço diante de ti, avalia quão inutilmente eu sofro. Sobre isso, nenhuma recompensa devo esperar de Deus, pois é certo que nada fiz por seu amor. (HELOÍSA. Segunda Carta. In.: Rocha, 1997, p. 191)

Essa ideia também aparece na carta IV, onde Heloísa considera-se hipócrita, deixa explícito que ama mais a Abelardo do que a Deus, reafirma que vive uma vida infeliz e que não merece a salvação:

Louvam-me, como casta, os que não percebem a hipócrita que sou. Exaltam como virtude a pureza do corpo, quando a virtude não é do corpo, mas da alma. Digna de algum louvor diante dos homens, nada mereço diante de Deus, que é perscrutador dos rins e dos corações, e vê o que está escondido. [...] Em todas as situações de

minha vida (Deus sabe) eu temo mais te ofender do que ofender a Deus e desejo agradar-te mais do que agradá-lo. Foi tua a ordem que me trouxe para a vida religiosa e não o amor a Deus. Vê, pois, que vida infeliz e, de todas, a mais infeliz levo eu, se agora em vão suportar tantos sofrimentos, pois nenhuma recompensa terei de ter no futuro. (Heloísa. Quarta Carta. In.: Rocha, 1997, p. 241)

No final da mesma carta Heloísa afirma que se dará por satisfeita se Deus lhe conceder um pedaço qualquer do céu. Percebemos novamente como Heloísa aplica de modo consequente a ética da intenção, a ponto de levá-la a afirmar que não merece a salvação, o que sem dúvida era algo muito forte para a mentalidade do século XII.

3.3. Heloísa e a reflexão sobre a condição da mulher:

Podemos falar de contribuições de Heloísa para a mudança da condição da mulher? É certo dizer que não está presente a reivindicação pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Rocha (1997) afirma que mesmo Heloísa sendo uma mulher diferente e muito culta, ela foi marcada pelo seu tempo, onde prevalecia uma visão negativa sobre a mulher. Para os medievais, a mulher às vezes era exaltada como sublime (o modelo era Maria) outras vezes desprezada como culpada pela perdição do homem (o modelo era Eva). No século XII a mulher ainda não tinha se libertado da cicatriz de Eva e o prazer era considerado pecado, sendo apenas tolerado para procriação. Podemos afirmar que nesse último aspecto, Heloísa divergiu da visão dominante em sua época, ao mostrar que era inocente e não se arrependia dos prazeres que teve com Abelardo, aplicando aí a ética da intenção. Outro exemplo da ruptura com os padrões da época foi sua atitude na juventude contra o casamento, embora alguns dos argumentos que Heloísa usou apelassem para o modo negativo de ver a mulher.

Estêvão (2015, p. 76) afirma que Abelardo e Heloísa “desenvolveram a mais ampla reflexão sobre a condição feminina” do século XII, quanto à vida das religiosas. Vivendo no mosteiro feminino do Paraclete, Heloísa afirma que as regras dos mosteiros masculinos não são adequadas a uma comunidade de mulheres e solicita a Abelardo para que escreva novas regras, no que é atendida.

Certamente não podemos falar de Heloísa como uma precursora do feminismo, mas como visto acima, ela apresentou contribuições importantes. Seu modo de abordar a ética é exemplar, pois aplicou as teorias de Abelardo a seus dilemas concretos e o superou. Podemos também destacar outros aspectos em que Heloísa procurou manter sua autonomia no modo de pensar e de encarar a vida. Rocha resume alguns desses itens: “Abelardo que se considerava imbatível nos torneios dialéticos, jamais conseguiu que Heloísa deixasse de se revoltar contra Deus, nem que se arrependesse de seus pecados, nem finalmente deixasse de vê-lo como esposo, para assumir sua condição de esposa de Cristo” (ROCHA, 1997, p.34).

ATIVIDADE 11:

- 1) Que impedimentos poderiam ter hoje duas pessoas que se amam para não se casarem? Algum argumento usado por Heloísa contra o casamento é aplicável atualmente? Por quê?
- 2) Cite aspectos em que Heloísa rompeu com o comportamento e com ideias que vigoravam em sua época. Dê exemplos de pessoas que fazem isso atualmente.
- 3) Há um ditado popular que diz: “De boas intenções, o inferno está cheio”. Abelardo e Heloísa concordariam com essa afirmação? Por quê?
- 4) Qual era o problema ou dilema moral de Heloísa? Com base em que ela procurou resolvê-lo e de que modo ela acabou indo além de Abelardo?
- 5) Você já enfrentou problemas morais? Quais critérios você usa para tentar resolvê-los? Algum critério da ética da intenção utilizado por Heloísa esteve incluso nessa resolução?

Fragmento da Carta IV de Heloísa¹⁵:

[...]

21. Com efeito, se verdadeiramente confesso a fraqueza do meu miserável coração, não vejo com que penitência posso aplacar a Deus, que sempre critico por causa daquela injustiça de suma crueldade, e revoltada contra seus desígnios, mais o ofendo com minha indignação do que consigo acalmá-lo com a reparação da penitência.

22. Além do mais, de que modo, qualquer que seja o sofrimento do corpo, pode-se falar de penitência dos pecados, se o espírito ainda conserva a vontade de pecar e arde por causa dos antigos desejos? Certamente é fácil alguém, confessando os pecados, acusar-se a si próprio, ou mesmo, mortificar o corpo com uma penitência externa.

23. Dificílimo, no entanto, é afastar o espírito dos desejos das grandes volúpias. Onde, merecidamente procedeu o santo Jó, quando anunciou: “*Soltarei contra mim a minha fala*”. O que significa: desatarei a minha língua e abrirei a boca pela confissão para acusar os meus pecados. E, logo em seguida, acrescentou: “*Falarei na amargura do meu coração*”. São Gregório comentou essas palavras, dizendo: “*Existem alguns que confessam com palavras claras as suas faltas, mas na confissão não sabem lastimar e dizem com alegria o que deveriam dizer chorando.*” Portanto, quem diz suas faltas detestando-as, precisa dizê-las na amargura do coração, a fim de que esta mesma amargura castigue tudo aquilo que a língua, pelo juízo da mente, acusa. Ambrósio observa como é rara a amargura do verdadeiro arrependimento, quando atenciosamente diz: “*Mais facilmente encontrei os que conservaram a inocência do que os que fizeram penitência*”.

24. Todavia, aqueles prazeres amorosos que juntos experimentamos foram tão agradáveis que não me incomodam e dificilmente podem ser apagados de minha memória. Para onde quer que eu me volte, eles estão presentes aos meus olhos com seus desejos e, nem mesmo quando durmo, eles me poupam de suas ilusões. Durante a própria solenidade da Missa, na qual mais pura deve ser a oração, as fantasias obsenas daquelas volúpias cativam inteiramente meu misérrimo espírito, de modo que me entrego mais àquelas indecências do que à oração e, quando devo lamentar as coisas cometidas, de preferência suspiro pelas que perdi.

25. E não apenas as coisas que juntos fizemos, mas também os lugares e o tempo nos quais as fizemos, estão tão gravados em meu espírito, como se neles estivesse fazendo contigo todas aquelas coisas, e, nem dormindo, delas descanso. Algumas vezes, os pensamentos da minha mente são reconhecidos pelo próprio movimento do corpo, nem são poupados pelas palavras que não consigo evitar. Ó miserável de mim que verdadeiramente não sou digna da queixa daquela alma sofredora, quando disse: “*Infeliz homem que sou! Quem me livrará deste corpo de morte?*” Oxalá pudesse eu, com veracidade, acrescentar: “*A graça de Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo.*”

26. Esta graça, caríssimo, antecipadamente te foi dada e curando-te destes estímulos, com uma única chaga do corpo, sarou muitas feridas da alma. E naquilo que Deus parecia mais contrário, mostrou-se mais propício, seguindo o exemplo do fidelíssimo médico que não poupa a dor para

¹⁵ Não transcrevi aqui as notas do tradutor para facilitar a leitura e por uma questão de espaço.

conseguir a saúde.

27. Em mim, porém, estes estímulos da carne, os incentivos da libido, o próprio fervor juvenil da idade e a experiência dos agradabilíssimos prazeres muito me inflamam, e tanto mais me ameaçam com seu ataque quanto mais fraca é a natureza que eles assaltam. Louvam-me, como casta, os que não percebem a hipócrita que sou. Exaltam como virtude a pureza do corpo, quando a virtude não é do corpo, mas da alma.

28. Digna de algum louvor diante dos homens, nada mereço diante de Deus, que é perscrutador dos rins e dos corações, e vê o que está escondido. Sou considerada religiosa neste tempo em que só uma pequena parte da religião não é hipocrisia, no qual se exalta com os mais altos louvores aquele que não contraria a maneira de julgar dos homens.

29. E talvez isto pode de algum modo parecer louvável e aceitável a Deus, que alguém, qualquer que seja sua intenção, pelo exemplo de sua conduta exterior, não se torne escândalo para a Igreja, e contente-se em não dar motivo para que seja blasfemado o nome do Senhor entre os infiéis, ou para que não seja difamada pelos impuros a ordem em que fez sua profissão religiosa.

30. Isso é também um dom da graça divina, de cuja dádiva procede não só fazer as coisas boas, mas também evitar as ruins. Mas, inutilmente se evita o mal, quando não se faz depois o bem, como está escrito: *“Afasta-te do mal e pratica o bem”*. E, em vão, se faz uma e outra coisa, se não for pelo amor de Deus.

31. Em todas as situações de minha vida (Deus sabe) eu temo mais te ofender do que ofender a Deus e desejo agradar-te mais do que agradá-lo. Foi tua a ordem que me trouxe para a vida religiosa e não o amor a Deus. Vê, pois, que vida infeliz e, de todas, a mais infeliz levo eu, se agora em vão suporte tantos sofrimentos, pois nenhuma recompensa terei de ter no futuro.

32. Durante muito tempo meu fingimento te enganou como enganou a muitos, a ponto de considerares piedade religiosa o que era hipocrisia, e, assim, encomendando-te muitíssimo às minhas orações, tu me pedes aquilo que espero de ti. Não queiras, eu te suplico, imaginar tantas coisas a meu respeito, para que não cesses de me ajudar com tuas orações. Não penses que estou curada, para que não me subtraias a graça do remédio. Não queiras considerar-me não-indigente, para não adiares o auxílio nas minhas necessidades. Não julgues que estou sã, para que eu não desmorone antes que venhas em auxílio de quem está caindo. [...]

Heloísa. Quarta Carta. In.: ROCHA, Zeferino. *Abelardo-Heloísa, cartas*: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas por Zeferino Rocha. Edição Bilingue. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997, p. 233 a 241.

ATIVIDADE 12: Interprete o fragmento da Carta acima, respondendo:

- 1) Destaque o trecho onde Heloísa diz que não se arrepende do romance com Abelardo.
- 2) Como Heloísa aplica a ética da intenção no fragmento acima? Argumente e selecione trechos breves para fundamentar seus argumentos.

TRABALHO EXTRA-CLASSE

A partir do que estudamos na unidade II, produza um texto sobre a filósofa Heloísa, destacando aspectos de sua vida e algumas de suas contribuições filosóficas. Argumente também em torno da ética da intenção, mostrando se essa ética ainda poderia ou não ser aplicada por nós hoje.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS (PROFESSORES/AS)

Quanto à metodologia e avaliação as orientações são as mesmas da unidade 1. Apenas complemento que com as atividades da unidade 2 e a produção de texto, conclui-se as avaliações do trimestre. Em escolas com organização bimestral, talvez sejam necessárias adaptações.

Chamo a atenção para a polêmica sobre as cartas de Heloísa e Abelardo. Muitos estudiosos colocaram em dúvida a autenticidade das cartas. Segundo Estêvão (2015) já no início do século XIX surgiram dúvidas, mas o debate se intensificou no século XX. A autenticidade ou não das cartas é fundamental para nossa compreensão do século XII, já que é um dos documentos mais importantes do período. Georges Duby (1995-96) afirma que a correspondência entre Heloísa e Abelardo não é autêntica: ela teria sido arranjada em um mosteiro para edificação espiritual. Rocha (1997), apoiando-se em Étienne Gilson é taxativo em afirmar que as cartas são autênticas e procura demonstrar isso no seu livro. Estêvão (2015) afirma que diante do enorme conjunto de trabalhos sobre as cartas, é mais seguro considerá-las autênticas. Faço referência a esse assunto apenas para ter presente que a polêmica existe.

UNIDADE III

MARY WOLLSTONECRAFT E OS DIREITOS DAS MULHERES

AULAS 23 a 26:

Iniciar ouvindo a música “Mulher Nova, Bonita e Carinhosa” de Zé Ramalho (Composição Zé Ramalho e Otacílio Batista). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/mulher-nova-bonita-e-carinhosa.html>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

Em seguida perguntar aos alunos: o que vocês percebem na música? Onde está o poder da mulher, segundo a música?

Incentivar os alunos falarem por alguns minutos, sem corrigir nenhum comentário.

Em seguida, aplicar o questionário abaixo:

QUIZ SOBRE AS MULHERES, MORAL E EDUCAÇÃO:

1) Jandira é uma mulher muito atraente. Ela sempre procura ser delicada e agradar seu marido, fingindo se for necessário para mantê-lo. A sensualidade de Jandira é uma virtude?

Sim Não Talvez

2) Carlos e Eduarda se amam perdidamente e são motivo de inveja para muitas pessoas. O amor é o mais importante na vida de um casal ou de uma família?

Sim Não Às vezes

3) Carmen é uma mulher muito linda. Ela conheceu Thomas quando este veio ao Brasil e ambos se apaixonaram. Thomas é um inglês rico e atraente. Carmen abandonou a faculdade e foi para a Inglaterra, onde casou-se com Thomas. Hoje eles têm uma filha, Carmen cuida do lar e não voltou a estudar. O casal e a filha viajam todos os anos para várias partes do mundo. Carmen fez uma boa escolha?

Sim Não Em termos

4) Joice sabe recepcionar muito bem os convidados nas festas que ocorrem em sua casa. Além disso, ela é muito elegante e, às vezes, ainda faz apresentações musicais para os convidados. Quando organiza eventos com suas amigas, ela é sempre o destaque. Joice é um exemplo a ser seguido por todas as mulheres?

Sim Não Em termos

5) Amanda tem 6 anos de idade. Quando vai para a escola, passear com os pais ou brincar na casa de sua amiga, sua mãe a deixa muito bem vestida e maquiada. Seu pai geralmente ajuda a manter a menina bem arrumada ao sair de casa. Na escola, Amanda concorreu a Miss e foi eleita a menina mais bonita. Amanda está sendo bem educada pelos pais e pela escola?

Sim Não Em termos

6) Carlos tem 37 anos, comprou um carro novo, anda “na pinta”, julga-se bonito e sensual. Ele concluiu seu doutorado. Agora está a fim de sair com Valquíria, de 35 anos. Ela é simples e muito bonita, embora não se julgue assim tão bela. Ela tem um namorado, é muito

estudiosa, se esforça para concluir o mestrado e manter sua independência. Qual dos dois é uma pessoa de virtude?

Carlos Valquíria Ambos Nenhum deles Não há como saber

7) João julga que seus filhos devem obedecê-lo sem nenhum questionamento porque ele é o pai e os sustenta. Para João, quando seus filhos saírem de casa, poderão agir por conta própria. Deste modo, João está contribuindo com a moral de seus filhos?

Sim Não Em termos

8) Antônia não foi muito instruída, mal foi alfabetizada. Ela casou-se ainda jovem, hoje tem 2 filhos e trabalha fora de casa. Apesar da pouca instrução, ela é muito atenciosa e amável com os filhos. Antônia é uma boa mãe?

Sim Não Em termos

- Após a conclusão do questionário, apresentar brevemente aos alunos a filósofa Mary Wollstonecraft:

Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma filósofa inglesa. Segundo Ferreira (2009), ela nasceu em uma família de classe média, que foi perdendo seu “status” social devido aos desmandos do pai. Mary teve que transpor vários obstáculos já na infância e na adolescência, devido à crueldade de seu pai, à fraqueza e parcialidade da mãe (que preferia o filho mais velho) e ao modo como ela própria, Mary, defendia a mãe dos maus tratos do pai. Posteriormente Mary foi conquistando um lugar na sociedade, num círculo de amigos onde as mulheres eram minoria.

Ainda de acordo com Ferreira (2009), a originalidade de Mary está no caminho que traçou para si e nas perspectivas que abre à condição feminina da época. Recusou paternalismos, se impôs pelo trabalho e pela pesquisa intelectual, o que a fez ganhar respeito dos seus pares. Mary Wollstonecraft lutou por uma causa, com base nas vivências e no estudo. Ela não se integrou à visão de mundo da época. Defendeu a necessidade de retirar a mulher da menoridade, o que exige aprendizagem paciente, esforço, uma educação com objetivos definidos e que combata os preconceitos. Mary escreveu textos variados em sua curta vida de 38 anos: romances, cartas, relatos de viagens, ensaios, tratados de pedagogia, etc. Foi muito ativa em sua produção literária.

Segundo Miranda (2015), a filósofa inglesa teve uma filha chamada Fanny em 1794, com Gilbert Imlay, um comerciante americano. Em 1796 separou-se de Imlay e no ano seguinte casou-se com William Godwin. Em agosto de 1797 nasceu outra filha, Mary Wollstonecraft Godwin. A filósofa morreu em 1797, por causa de complicações relacionadas ao parto.

Uma das principais obras de Mary Wollstonecraft é *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, que ela começou a escrever em 1791 e a segunda edição foi publicada em 1792.

- Após essa breve apresentação, os alunos irão responder as questões abaixo, com base em fragmentos de textos da obra *Reivindicação dos direitos das mulheres*.

Mary Wollstonecraft: *Reivindicação dos direitos das mulheres*

1) A mulher deve ser educada visando agradar o homem? (Consultar Fragmento 1)

- a** – Sim, Mary Wollstonecraft concorda inteiramente com Rousseau nesse ponto.
- b** – Sim. A educação para agradar é completada com o fingimento, que é necessário devido à estrutura física mais fraca da mulher.
- c** – Não. Esse é um tipo de educação para a submissão, para que a mulher permaneça na dependência do marido.
- d** – Não. Porque isso irá fazer a mulher desenvolver a sua mente, o que não é aconselhável.

2) O amor é a base principal da família? (Consultar Fragmento 2)

- a** – Sim. Sem amor não há família, apenas uma junção de pessoas.
- b** – Não. O amor está presente quando se inicia uma família, mas ele é passageiro. Gradativamente ele precisa ir dando lugar à amizade, que é um afeto muito superior.
- c** – A família não precisa de nenhum afeto, nem do amor, nem da amizade. Basta apenas a sensualidade.
- d** – O amor é o estágio mais elevado que uma pessoa pode atingir. Assim, ele deve ser a base da família.

3) Qual é uma das causas principais para a mulher não estar numa condição de igualdade em relação ao homem e que precisa ser mudado? (Consultar Fragmento 3)

- a** – O exercício pleno do entendimento só é possível aos ricos, para os pobres, resta só as emoções.
- b** – As mulheres e os ricos desenvolvem plenamente as virtudes através das emoções.
- c** – A causa principal da desigualdade é o excesso de sensibilidade desenvolvido na mulher. A saída apontada é que os homens sejam os guias racionais das mulheres e elevem seu caráter.
- d** – A mulher é educada através de vários meios a exercer apenas a sua sensibilidade. Assim, ela fica presa aos seus sentidos, o que produz um rebaixamento moral. Para ter igualdade entre os sexos, ela precisa ser educada para exercitar o seu entendimento, ou a razão, que é o único fundamento para o caráter independente.

4) Quais os tipos de ideias incutidas de forma prematura e como prejudicam o caráter, principalmente das mulheres? (Consultar Fragmento 4)

- a** – O estudo da matemática e outros conhecimentos abstratos, que não deve iniciar na infância.
- b** – A associação prematura de ideias tem um efeito maior sobre o caráter das mulheres, pois desde meninas elas são sensualizadas com falsas noções de beleza e delicadeza, que raramente podem ser desfeitas pela razão. Na vida adulta elas vão buscar apenas excitar emoções nos homens. Elas são feitas mulheres na infância e infantilizadas na vida adulta.

c – As noções de beleza e delicadeza inculcadas desde cedo são importantes para o amadurecimento das mulheres, tornando-as adultas com pleno uso do entendimento.

d – O caráter moral da humanidade é prejudicado pela associação prematura de ideias, principalmente em relação às mulheres. Isso se deve ao fato de ser exigido delas que façam um uso profundo da razão ainda na infância.

5) O que é a modéstia, porque ela é mais difícil para as mulheres? Qual a importância da prática de virtudes? (Consultar Fragmento 5)

a – A modéstia é uma virtude, que se expressa como pureza da mente e simplicidade do caráter. Ela precisa da castidade (fidelidade) e diferencia-se da humildade e da vaidade, que não são virtudes. Homens e mulheres precisam cultivar a modéstia, mas para as mulheres isso é mais difícil, porque elas precisam buscar o conhecimento ao qual não foram estimuladas e reduzir o exercício da sensibilidade, ao qual foram estimuladas em excesso. A prática de virtudes é a base da felicidade e do espírito público.

b - A modéstia é uma virtude, que se expressa como pureza do intelecto e simplicidade do caráter. Como as mulheres são mais castas, elas automaticamente já desenvolvem a modéstia. Em consequência disso desenvolvem o espírito público.

c – A prática de virtudes é necessária para chegar à felicidade, mas só as mulheres precisam praticar a modéstia, pois os homens já a desenvolvem naturalmente tendo em vista que exercitam a razão desde pequenos.

d – Ser modesto é o mesmo que ser humilde. Como as mulheres são muito vaidosas, é mais difícil para elas praticarem a modéstia.

6) Qual a relação entre moralidade e igualdade entre homens e mulheres? Como os pais devem educar os filhos? (Consultar Fragmento 6)

a – A igualdade entre homens e mulheres é desnecessária, basta a prática da virtude.

b – Só com igualdade entre homens e mulheres será possível expandir a moralidade e exercer na prática a virtude. Na educação dos filhos os pais precisam estimular o desenvolvimento da razão.

c – Só com obediência cega é possível que os pais consigam educar os filhos. Com o tempo, eles aprenderão a virtude naturalmente.

d – Só tendo uma vida ociosa é possível desenvolver a virtude e a moralidade. Essa deve ser a educação dada pelos pais.

7) Há aspectos de uma ética feminina do cuidado? Qual o papel das mães? (Consultar Fragmento 7)

a – Para Mary Wollstonecraft, as mulheres devem educar os filhos e ficar presas ao lar. Para esta função elas não precisam de conhecimentos elaborados.

b – A defesa da igualdade entre homens e mulheres não tem relação com a melhoria da educação das crianças, pois o que se espera é que as mães de classe média trabalhem fora e os filhos sejam educados apenas por babás e outros funcionários.

c – A filósofa insiste que o cuidado das crianças é um dever natural das mulheres e que para ser uma boa mãe é preciso ter um grande desenvolvimento intelectual. O papel das mães é fundamental, principalmente nos primeiros anos de vida das crianças, que é o momento em que o caráter é formado. Os cuidados com a saúde da família também são atribuições da mulher. Mas tudo isso só é possível de ser efetivado se tiver igualdade entre os sexos.

d – Mary Wollstonecraft despreza o desenvolvimento educacional das mulheres e defende que elas não devem se envolver em política. Sua única preocupação deve ser com a beleza.

Após todos responderem as 6 questões a partir dos fragmentos do livro de Mary Wollstonecraft, passa-se à análise e discussão das questões, intercalando com outras explicações que forem necessárias sobre as ideias da filósofa. É importante relacionar as ideias da filósofa com a música do início da unidade, destacando semelhanças e diferenças.

Em seguida, retoma-se as 7 questões do *QUIZ* (Questionário) do início, debatendo as respostas com os alunos, tendo como base o pensamento de Mary Wollstonecraft. É importante verificar com os alunos se teve alteração entre o que eles assinalaram no início e o que assinalariam agora, após a leitura dos fragmentos de texto de Wollstonecraft.

Por último, solicitar uma produção de texto:

TRABALHO EM SALA

Com base no que estudamos sobre a filósofa Mary Wollstonecraft, escreva um texto de 20 a 30 linhas, argumentando quais das ideias da autora ainda são atuais e quais já teriam perdido a atualidade.

FRAGMENTOS DO LIVRO *REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES*, DE MARY WOLLSTONECRAFT

Fragmento 1:

É dito às mulheres desde sua infância, e são ensinadas por meio do exemplo de suas mães, que um pouco de conhecimento da fraqueza humana, corretamente denominada de astúcia, suavidade ou serenidade, obediência *aparente* e uma atenção escrupulosa a um tipo pueril de decoro, trará a elas a proteção de um homem; e, se elas forem bonitas, todo o resto é inútil, por pelo menos vinte anos de suas vidas. [...]

A juventude é a temporada do amor para ambos os sexos; porém nestes dias de alegria inconsequente, a provisão deveria ser feita em prol dos anos mais importantes da vida, quando a reflexão toma conta da sensação. Contudo, Rousseau e a maioria dos escritores masculinos que seguiram seus passos, calorosamente inculcaram que toda a tendência da educação feminina deve ser direcionada para um ponto: torná-las agradáveis.

Deixe-me debater com os apoiadores desta opinião [...] Para ganhar os afetos de um homem virtuoso, o fingimento é necessário? A natureza deu a mulher uma estrutura física mais fraca que a do homem; mas para assegurar os afetos do seu marido, uma esposa, a quem no exercício de sua mente e de seu corpo enquanto desempenhava os deveres de filha, esposa e mãe, permitiu que sua constituição mantivesse sua força natural, e seus nervos sadios, ela deve, eu digo, concordar com o uso da arte do fingimento, uma delicadeza doentia, com o objetivo de garantir o afeto de seu marido? A fraqueza pode estimular a ternura, e gratificar o

orgulho arrogante do homem, mas os afagos insolentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre que pede e deseja ser respeitada. [...]

Além disso, a mulher que fortalece seu corpo e exercita sua mente irá, ao administrar sua família e praticar várias virtudes, tornar-se uma amiga, e não a dependente humilde de seu marido; e se ela, possuindo tais qualidades significativas, merecer sua consideração, ela não necessitará esconder seu afeto, ou fingir uma frieza anormal para excitar a paixão de seu marido. De fato, se revertermos a história, nós acharemos que as mulheres que se distinguiram não foram as mais belas, nem as mais gentis de seu sexo. [...]

Mulheres, iludidas por estes sentimentos, às vezes orgulhosas de sua fraqueza, astuciosamente obtêm poder brincando com as *fraquezas* dos homens; e elas bem podem se vangloriar de seu domínio ilícito, pois, como os paxás turcos,¹⁶ elas têm mais poder real que seus mestres: mas a virtude é sacrificada às gratificações temporárias, e a respeitabilidade da vida, ao triunfo momentâneo.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 41, 52, 54 e 67.

Fragmento 2:

- O amor, de acordo com sua própria natureza deve ser transitório. A busca por um segredo que o torna constante é uma busca insana, assim como pela pedra filosofal, ou a grande panaceia: e a descoberta seria igualmente inútil, ou então perniciosa, para a humanidade. O elo mais sagrado da sociedade é a amizade. Foi astutamente dito por um satírico, “por mais raro que seja o amor verdadeiro, é ainda muito mais rara a amizade verdadeira”.

Esta é uma verdade óbvia, e a causa que não está muito funda não escapa a qualquer olhadela inquisitiva.

O amor, a paixão comum, cuja sorte e sensação tomam lugar da decisão e da razão, é, em algum grau, sentido pela massa da humanidade; pois não é necessário dizer que, no presente, há emoções que se elevam acima ou abaixo do amor. Esta paixão, naturalmente aumentada por expectativas e dificuldades, desvia a mente do seu estado de costume, e exalta os afetos; mas a segurança do casamento, que permite que a febre do amor se apazigue, a uma temperatura saudável, que é vista como insípida apenas por aqueles que não têm intelecto suficiente para substituir [pela] ternura calma da amizade, da confiança, de respeito, em vez da admiração cega e das emoções sensuais do apego.

Este é, e deve ser, o curso da natureza – amizade ou indiferença inevitavelmente sucedem o amor. – E esta constituição parece perfeita para harmonizar com o sistema de governo que prevalece no mundo moral. As paixões são esporas para as ações, e abrem a mente; porém se afundam em forma de meros desejos e se tornam gratificações pessoais e momentâneas, quando o objeto é ganho, e a mente satisfeita jaz em prazer. O homem que tinha alguma virtude enquanto lutava pela coroa, frequentemente se torna um tirano voluptuoso quando enfeita sua frente; e quando o amante não está perdido na figura do marido, o tonto, uma presa aos caprichos infantis e afeições ciumentas, negligencia os deveres

¹⁶ Título dado aos oficiais de alto escalão. Os paxás eram notórios por sua imperiosidade. (Nota da tradução)

importantes da vida, e os cuidados que deveriam provocar confiança em suas crianças são desperdiçados na criança mais velha, a sua mulher. [...]

A amizade é uma afeição séria; a mais sublime de todos os afetos, porque é fundada em princípios, e cimentada pelo tempo. O inverso pode ser dito do amor.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 55 e 111.

Fragmento 3:

Eu desejo resumir o que acabei de dizer em poucas palavras, pois aqui eu desafio e nego a existência de virtudes sexuais, sem excetuar a modéstia. Pois o homem e a mulher, em verdade, se eu entendo o significado da palavra, devem ser iguais; [...]

As mulheres, eu aceito, podem ter diferentes deveres a cumprir; mas eles são deveres *humanos*, e os princípios que devem regular a execução deles, eu mantenho firmemente, devem ser os mesmos.

Para se tornar respeitável, o exercício do entendimento é necessário, não há outro fundamento para a independência de caráter; eu quero explicitamente dizer que elas devem apenas se curvar para a autoridade da razão, em vez de serem escravas *modestas* da opinião. [...]

Em resumo, as mulheres, em geral, assim como os ricos de ambos os sexos, absorvem todas as insensatezes e vícios da civilização, e perdem o fruto útil. Não é necessário que eu estabeleça mais uma vez como premissa, que falo da condição do sexo como um todo, deixando exceções fora da questão. Seus sentidos são inflamados e seus entendimentos são negligenciados, conseqüentemente elas se tornam presas de seus sentidos, delicadamente chamado de sensibilidade, e são golpeadas por erupção de sentimentos passageiros. As mulheres civilizadas são, portanto, tão enfraquecidas pelo falso refinamento que, em relação à moral, a sua condição está bem abaixo do que seria se fossem deixadas em um estado mais próximo ao natural. Sempre inquieta e ansiosa, sua sensibilidade exercitada além da conta, não apenas as torna desconfortáveis consigo mesmas, mas incômodas, para usar um termo brando, para os outros. Todos os seus pensamentos giram em torno de coisas calculadas para excitar a emoção; e de sentimentos, quando deveriam raciocinar, sua conduta é instável e suas opiniões são oscilantes – não a oscilação produzida pela deliberação ou por pontos de vista progressivos, mas por emoções contraditórias. [...]

Romances, novelas, poesia e galantaria, todos tendem a tornar as mulheres criaturas das sensações, e seu caráter é, assim, formado nos moldes da insensatez durante o tempo em que estão adquirindo habilidades, o único melhoramento a que são estimuladas a alcançar, levando em consideração sua posição na sociedade. Esta sensibilidade superdimensionada naturalmente relaxa os outros poderes da mente e previne o intelecto de alcançar aquela soberania que deve-se obter para tornar uma criatura racional útil aos outros, e se contentar com sua própria posição: pois o exercício do entendimento, à medida que a vida avança, é o único método apontado pela natureza para acalmar as paixões.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 81, 94-95.

Fragmento 4:

O efeito que uma associação prematura de ideias tem sobre o caráter

[...]

Assim, a educação apenas supre o homem de caráter com conhecimento para dar variedade e contraste a suas associações; contudo, há uma associação habitual de ideias, que cresce “com o nosso crescimento”, que tem um grande efeito no caráter moral da humanidade; e pelo qual uma reviravolta é dada à mente, que com frequência permanece por toda a vida. Tão dúctil é o entendimento, e ainda tão teimoso, que as associações que dependem de circunstâncias adventícias, durante o período que o corpo leva para chegar à maturidade, raramente podem ser desentrelaçadas da razão. Uma ideia chama a outra, sua associação antiga, e a memória, fiéis à primeira impressão, particularmente quando os poderes intelectuais não são empregados para resfriar as nossas sensações, voltam a elas com precisão mecânica.

Esta escravidão habitual, à primeira impressão, tem um efeito mais prejudicial ao caráter feminino do que masculino, porque os negócios e outros empregos brutos do entendimento tendem a enfraquecer os sentimentos e quebrar associações que violentam a razão. Contudo, fêmeas, que são feitas mulheres ainda quando são meras crianças, e trazidas de volta à infância quando deveriam deixar o andador para sempre, não têm força de mente suficiente para apagar as superinduições da arte que amaciaram a natureza.

Todas as coisas que veem ou escutam servem para fixar impressões, estimular emoções e associar ideias que dão um caráter sexual à mente. Falsas noções de beleza e delicadeza param o crescimento dos seus membros e produzem um enrijecimento doentio em vez da delicadeza dos órgãos; e, enfraquecidas dessa forma ao serem empregadas em desdobrar em vez de examinar as primeiras associações, forçadas nelas por cada objeto a sua volta, como podem adquirir o vigor necessário para permiti-las jogar fora esse caráter fatídico? – Onde achar força para recorrer à razão e se elevar acima de um sistema de opressão que bombardeia as lindas promessas da primavera? Esta cruel associação de ideias, à qual cada coisa conspira para desviar todos os seus hábitos de pensar ou para falar com mais precisão dos sentimentos, recebe novas forças quando [elas] começam a agir um pouco por si mesmas; pois elas, então, percebem que é somente por meio de excitar emoções nos homens, que o prazer e o poder são obtidos. Além disso, os livros pretensamente escritos para a sua instrução, que fazem a primeira impressão em suas mentes, inculcam as mesmas opiniões.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 168-169.

Fragmento 5:

Falando da associação de nossas ideias, eu tenho percebido dois modos distintos. E, ao definir a modéstia, parece-me igualmente apropriado discriminar a pureza do intelecto, que é o efeito da castidade, da simplicidade do caráter que nos leva a formar uma opinião justa de nós mesmos, igualmente distante da vaidade ou da presunção, embora, de forma nenhuma, incompatível com a consciência imponente de nossa própria dignidade. A modéstia, neste último significado do termo, é aquela sobriedade da mente que ensina o homem a não pensar

mais do que deveria de si mesmo, e deve ser distinguido da humildade, porque humildade é um tipo de autodegradação. [...]

Um homem modesto é estável, um homem humilde, tímido, e um vaidoso, presunçoso: - este é o julgamento que a observação de muitos personagens me levou a formar. Jesus Cristo era modesto, Moisés, humilde e Pedro, vaidoso. [...]

A pureza da mente, ou aquela delicadeza genuína, que é o único apoio virtuoso da castidade, é semelhante àquele refinamento da humanidade, que nunca reside em ninguém, a não ser nos intelectos cultivados. É algo mais nobre do que a inocência, é a delicadeza da reflexão e não o acanhamento da ignorância. [...]

Eu, então, filosoficamente segui estas reflexões até inferir que as mulheres que mais melhoraram sua razão devem ter a maior modéstia – apesar da calma digna do comportamento poder ser sucedida da timidez brincalhona e encantadora da juventude.¹⁷

E assim eu tenho argumentado. Para tornar a castidade a virtude à qual a modéstia sem sofisticação irá naturalmente seguir, a atenção deve ser retirada das funções que apenas exercitam a sensibilidade; [...]. Torne o coração limpo, deixo-o expandir e sentir tudo o que é humano, em vez de limitá-lo por meio de paixões egoístas; e deixe a mente frequentemente contemplar assuntos que exercitem o entendimento, sem aquecer a imaginação, e a arte simples da modéstia dará os toques finais à pintura. [...]

Esta é uma das instâncias em que a distinção sexual a respeito da modéstia provou ser fatal para a virtude e para a felicidade. É, contudo, levado ainda mais longe, e as mulheres (fracas mulheres!), feitas por sua educação as escravas da sensibilidade, são demandadas, nas situações mais tentadoras, a resistirem a essa sensibilidade. [...] – Assim, quando a virtude ou a honra fazem com que seja apropriado a coibição da paixão, o fardo é jogado nos ombros mais fracos, contraria à razão e à verdadeira modéstia, as quais, ao menos, deveriam tornar a autonegação mútua [...]. A modéstia deve ser cultivada igualmente por ambos os sexos, ou irá permanecer uma planta doente dentro de uma estufa [...].

Se vós, ó minhas irmãs, realmente possuídes modéstia, vós deveis lembrar que a possessão da virtude, de qualquer denominação, é incompatível com a ignorância e a vaidade! Vós deveis adquirir aquela sobriedade da mente, que o exercício do dever e a busca pelo conhecimento, sozinhos inspiram, ou vós ainda permanecéis em uma situação dependente e duvidosa, e apenas sereis amada enquanto sois formosa! [...]

Os dois sexos se corrompem e se melhoram mutuamente. Isto eu acredito ser uma verdade indisputável, estendendo a cada virtude. A castidade, a modéstia, o espírito público e todo o nobre trem das virtudes, sob o qual a virtude social e a felicidade são construídas, deviam ser entendidos e cultivados pela humanidade, ou eles serão cultivados para pequenos efeitos. [...]

Por que, então, os filósofos procuram pelo espírito do público? Este espírito público deve ser nutrido por uma virtude privada, ou vai se parecer com o sentimento fatídico que fazem as mulheres terem o cuidado de preservar a sua reputação, e os homens, a sua honra. Um sentimento que frequentemente existe sem o apoio da virtude, sem o apoio da moralidade sublime que causa a violação habitual de um dever, uma violação de toda a lei moral.

¹⁷ A modéstia é a virtude graciosa e calma da maturidade; a timidez, o charme da juventude vivaz. (Nota de Mary Wollstonecraft)

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 175-178, 180, 182, 187 e 200.

Fragmento 6:

Há um provérbio familiar que diz uma verdade inteligente: todo aquele que o diabo encontre ocioso, ele o irá empregar. E o que, a não ser a preguiça habitual, poderia produzir as riquezas e títulos hereditários? Pois o homem é constituído de tal forma que ele só pode alcançar o uso apropriado de suas faculdades, exercendo-as, e não as irá exercer a não ser que a necessidade, de qualquer tipo, dê o primeiro empurrão para colocar suas rodas em movimento. A virtude, da mesma forma, somente pode ser adquirida pela execução dos deveres relativos, mas a importância destes deveres sagrados raramente será sentida pelo ser que é induzido a desistir de sua humanidade pela bajulação de sicofantas. Deve haver mais igualdade na sociedade, ou a moralidade nunca irá ganhar terreno, e esta igualdade virtuosa não irá descansar firmemente, mesmo se fundada em uma rocha, se metade da humanidade for acorrentada ao fundo, pelo destino, pois isto irá continuamente miná-la pela ignorância ou orgulho.

É em vão esperar virtude das mulheres até que elas sejam, em algum grau, independente dos homens, mais ainda, é em vão esperar a força da afeição natural, que poderia fazer delas boas esposas e mães. Enquanto elas são absolutamente dependentes de seus maridos, elas serão astutas, más e egoístas, e os homens, que são gratos por um tipo de bajulação e carinho servil, não têm muita delicadeza, pois o amor não é para ser comprado [...].

Se os pais executam os seus deveres, eles têm uma forte influência e uma reivindicação sagrada de gratidão de seus filhos; mas poucos pais estão dispostos a receber o afeto respeitoso de sua prole em tais termos. Eles exigem obediência cega, porque eles não valorizam um serviço justo [...]; o dever absurdo, muito frequentemente inculcado, de obedecer aos pais só por conta de serem os pais, acorrenta o intelecto e o prepara para uma submissão escrava a qualquer poder que não a razão.

Eu distingo entre o dever natural e o acidental devido aos pais.

O pai ou mãe que laboriosamente se esforçam para formar o coração e engrandecer o entendimento de seu filho, deram esta dignidade à execução de um dever, comum a todo mundo animal, que só a razão pode dar. Esta e a afeição parental da humanidade, e deixa o instintivo afeto natural bem atrás. Tais pais adquirem todos os direitos da mais sagrada amizade, e o seu conselho, até mesmo quando a sua criança está avançada na vida, demanda uma consideração séria.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 201-202, 219-220.

Fragmento 7:

As mulheres poderiam certamente estudar a arte da cura, e serem médicas assim como enfermeiras. [...]

Elas podem, também, estudar política, e estabelecer a sua benevolência em uma base mais ampla; [...]

Negócio de vários tipos elas podem, da mesma forma, buscar, se fossem educadas de maneira mais ordenada, o que salvaria muitas da prostituição legal e comum. As mulheres então não se casariam pelo sustento, assim como os homens aceitam cargos no governo, e negligenciam os deveres implícitos; [...]

Como o cuidado das crianças em sua infância é um dos grandes deveres anexados ao caráter feminino pela natureza, este dever renderia argumentos muito fortes para o fortalecimento do entendimento feminino; se este fosse considerado apropriadamente. [...]

Para ser uma boa mãe, uma mulher deve ter senso, e aquela independência de intelecto que poucas mulheres possuem quando ensinadas a depender inteiramente de seus maridos. [...]

É evidente, considerando a história de todas as nações, que as mulheres não podem ser confinadas a buscas meramente domésticas, pois elas não irão cumprir os deveres familiares, a menos que suas mentes tenham uma amplitude mais larga, e enquanto são mantidas na ignorância, elas se tornam escravas do homem. Elas também não podem ser tiradas dos grandes empreendimentos, embora a estreiteza de suas mentes frequentemente as fazem desfigurar o que são incapazes de compreender. [...]

Em escolas públicas às mulheres, para se protegerem contra os erros da ignorância, devem ser ensinados os elementos da anatomia e medicina, não apenas para possibilitar a elas ter os cuidados apropriados para sua saúde, mas para fazê-las enfermeiras racionais de seus infantes, pais e maridos; [...]

- A conclusão que eu desejo tirar é óbvia; faça das mulheres criaturas racionais, e cidadãs livres, e elas rapidamente se tornarão boas esposas e boas mães; isto é – se os homens não negligenciarem seus deveres de marido e pai. [...]

[...] eu estou, no entanto, certa de que uma criança nunca deveria ser forçosamente domada depois de ter sido, de forma imprudente, permitida a correr livremente; pois todas as violações da justiça e da razão, no tratamento das crianças, enfraquecem o seu raciocínio. E, tão cedo elas ganham caráter, que a base do caráter moral, a experiência me leva a inferir, é fixada antes do seu sétimo ano, período cujas mulheres são permitidas a administrarem as crianças exclusivamente. Depois dessa fase, é muito frequente que a metade da função da educação é para corrigir, e de forma muito imperfeita isso é feito, se feito apressadamente, as falhas, que elas nunca teriam adquirido se suas mães tivessem tido mais entendimento. [...]

Entretanto, nós não devemos ver mulheres afetuosas até que mais igualdade seja estabelecida na sociedade, até que as posições sejam misturadas e as mulheres libertas, nem devemos ver a felicidade doméstica dignificada, a simples grandeza a qual não pode ser saboreada por mentes ignorantes ou viciadas; nem a importante tarefa da educação será iniciada apropriadamente até que a pessoa da mulher não seja mais preferida do que sua mente. Pois, seria tão sábio esperar milho em tiririca, e figos de ervas daninhas¹⁸, quanto [esperar] uma mulher tola e ignorante ser uma boa mãe.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 210, 211, 217, 245, 249, 250, 265, 267.

¹⁸ Referência aos versículos de Mateus 7:16 e Lucas 6:14. (Nota da tradução)

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS (PROFESSORES/AS)

A dinâmica desenvolvida nesta Unidade III é uma adaptação em vários aspectos de uma oficina realizada por alunos do PIBID/Filosofia da Unioeste sobre Sartre, cujo título é “A culpa não é das estrelas”. Tive oportunidade de assistir essa oficina em Toledo no dia 05/12/16 e em seguida a sua metodologia foi debatida em sala, nas aulas do PDE.

Nesta Unidade, os **quatro passos metodológicos das Diretrizes Curriculares de Filosofia**, estão assim dispostos:

A **sensibilização ou mobilização** para o conhecimento é feita com a música inicial e com o questionário (*Quiz*). O questionário também já funciona como **problematização**, pois a ideia é provocar dúvidas e/ou inquietações nos alunos. Após a apresentação rápida sobre Mary Wollstonecraft inicia-se a **investigação**, indo ao texto filosófico e procurando responder as 6 questões, que têm relação com o questionário do início. A investigação continua com a análise e discussão destas últimas questões e relacionando com a música. A **criação de conceitos** (ou recriação) ocorre quando se volta para o questionário do início, levando os alunos a reverem as perguntas e respostas a partir das ideias da filósofa Mary Wollstonecraft. A produção do texto final também faz parte da criação de conceitos, na medida em que os estudantes precisarão analisar criticamente algumas ideias de Wollstonecraft num contexto diferente do que foram elaboradas, ou seja, no contexto atual.

UNIDADE IV

SIMONE DE BEAUVOIR: CONTRIBUIÇÕES AO FEMINISMO E À QUESTÃO DA MORAL

AULAS 27 a 34:

1. SEXO E GÊNERO:

De início separar os meninos e as meninas da turma. Subdividir cada grupo em dois, de modo a formar quatro grupos na sala: dois de meninos e dois grupos de meninas. Em seguida, cada grupo prepara uma breve encenação: os grupos dos meninos irão se preparar para imitar o comportamento de mulheres em situações cotidianas. Os grupos das meninas irão se preparar para imitar o comportamento de homens também em situações cotidianas.

Em seguida cada grupo apresenta sua encenação a toda turma, sendo primeiro os grupos masculinos e depois os femininos (ou vice-versa). Após a apresentação dos meninos, pedir para as meninas da turma se elas concordam ou não com a representação que foi feita das mulheres e quais os motivos. Após a apresentação dos meninos, pedir para os meninos da turma se eles concordam ou não com a representação que foi feita dos homens e quais os motivos. Deixá-los falar livremente, sem questionar os seus motivos.

Ouvir a música “Masculino e Feminino”, de Pepeu Gomes. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pepeu-gomes/masculino-e-feminino.html>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Após a música colocar as seguintes questões para debate: **Já nascemos homem ou mulher? O que nos define como masculino ou feminino? Jovens do sexo masculino e do sexo feminino têm a mesma liberdade para ser quem desejam ser?** Incentivar os alunos a se posicionarem sobre a questão, procurando não interferir em suas respostas.

Na sequência fazer uma breve apresentação de Simone de Beauvoir:

A filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) nasceu em Paris, numa família burguesa. Conforme afirma o comentador Voltaire Schilling, o primo de Simone, Jacques Champigneulle, foi uma espécie de tutor intelectual. O pai certamente também a influenciou no gosto pelos livros. No contexto em que vivia, a maioria das moças de sua classe eram educadas para serem obedientes a uma educação católica, que visava formar mulheres dóceis e crentes. O futuro que aguardava Simone de Beauvoir era o de um casamento arranjado, o cuidado do lar e dos filhos, etc. Mas ela foi se indignando contra tudo isso. “Indignou-se que

os interditos feitos às mulheres em geral não eram estendidos aos homens, como se eles pertencessem a outro planeta.” (SCHILLING, 2015). Simone negou-se a se casar, ter filhos e ser dona de casa. Uma biblioteca de Paris, com um acervo impressionante, foi o passo decisivo na vida de Beauvoir. A partir do contato com grandes textos, Simone sentiu-se apta a frequentar rodas intelectuais masculinas. Ainda segundo Voltaire Schilling, Simone formou-se em filosofia e conseguiu passar no rigoroso concurso para a Escola Normal Superior, a entidade francesa de maior prestígio nas áreas humanas e científicas. Foi aprovada nesse concurso, juntamente com Jean Paul Sartre. Simone e Sartre formaram um casal, mas diferente do convencional: tinham uma relação aberta e fizeram um pacto de não se casar legalmente, não ter filhos e se dedicar inteiramente à filosofia. Foi um escândalo para a época, pois não se admitia que um homem e uma mulher, ambos de classe média, pudessem viver maritalmente “sem registro passado por um juiz de paz ou a benção de um sacerdote.” (SCHILLING, 2015)

De acordo com Maria Luísa Ribeiro Ferreira (2009), vida e pensamento são inseparáveis na visão de Simone de Beauvoir. A sua vida é um dos temas dos seus textos. Ela escreveu romances, diários de viagem, textos de caráter sociológico e ensaios. Mas em todos, há elementos filosóficos, embora nos ensaios tenham um estatuto mais rigoroso.

Simone de Beauvoir publicou várias obras, uma das mais importantes é *O segundo sexo*, publicada em 1949.

Em seguida, passa-se à leitura de fragmentos de texto de Simone de Beauvoir:

Fragmentos do livro *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir:

INFÂNCIA

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode aprender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, principalmente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos [...]

Quando cresce, a criança luta de duas maneiras contra o abandono original. Tenta negar a separação: aconchega-se nos braços da mãe, procura seu calor vivo, reclama suas carícias. Tenta fazer-se justificar pelo sufrágio de outrem. [...] Não há, durante os três ou quatro primeiros anos, diferença entre a atitude das meninas e a dos meninos; tentam todos perpetrar o estado feliz que precedeu a desmama; neles como nelas deparamos com condutas

de sedução e de parada: eles desejam tanto quanto elas agradar, provocar sorrisos, ser admirados. [...]

Uma segunda desmama, menos brutal, mais lenta do que a primeira, subtrai o corpo da mãe aos carinhos da criança; mas é principalmente aos meninos que se recusam pouco a pouco beijos e carícias; quanto à menina, continuam a acariciá-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas; vestem-na com roupas macias como beijos, são indulgentes com suas lágrimas e caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos: contatos carniais e olhares complacentes protegem-na contra a angústia da solidão. Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. “Um homem não pede beijos... um homem não se olha no espelho... Um homem não chora”, dizem-lhe. Querem que ele seja “um homenzinho”; é libertando-se dos adultos que ele conquista o sufrágio deles. Agrada se não demonstra que procura agradar. [...]

Entretanto, se o menino se apresenta a princípio como menos favorecido do que as irmãs, é que lhe reservam maiores desígnios. As exigências a que o submetem implicam imediatamente uma valorização. [...] Persuadem a criança de que é por causa da superioridade dos meninos que exigem mais dela; para encorajá-la no caminho difícil que é o seu, insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. [...]

Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela [a menina] descobre o sentido das palavras “bonita” e “feia”; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser “bonita como uma imagem”; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. [...]

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrenta-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças; ao mesmo tempo conhece as lições severas da violência; aprende a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa. Sem dúvida, experimenta-se também como “para outrem”, põe em questão sua virilidade, do que decorrem, em relação aos adultos e a outros colegas, muitos problemas. Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele se faz ser, num só movimento. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exerce sua liberdade para compreender, apreender e

descobrir o mundo que o cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. [...]

A MOÇA

Durante toda a infância foi a menina reprimida e mutilada; entretanto, percebia-se como um indivíduo autônomo; em suas relações com os pais, os amigos, em seus estudos e jogos, descobria-se no presente como uma transcendência: nada fazia senão sonhar sua futura passividade. Uma vez púbere, o futuro não somente se aproxima, instala-se em seu corpo, torna-se a realidade mais concreta. Conserva o caráter fatal que sempre teve; enquanto o adolescente se encaminha ativamente para a vida adulta, a jovem aguarda o início desse período novo, imprevisível, cuja trama já se acha traçada e para a qual o tempo a arrasta. [...]

Respeitam o esforço que faz o adolescente para se tornar homem e desde logo lhe dão uma grande liberdade. Da moça exigem que fique em casa, fiscalizam-lhe as saídas: não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas, etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam-lhe a independência difícil. Se passeiam pelas ruas, olham-nas, abordam-nas. [...] Se as estudantes correm às ruas em bandos alegres como fazem os estudantes, dão espetáculo; andar a passos largos, cantar, falar alto, rir, comer uma maçã, são provocações, desde logo são insultadas ou seguidas ou abordadas. A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si a que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na “moça bem comportada”, mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso dominada, do que resultam tensão é tédio. Esse tédio é comunicativo: as moças aborrecem-se logo umas das outras; não se prendem mutuamente a sua prisão; e é uma das razões que fazem tão necessária a companhia dos rapazes. Essa incapacidade de se bastar a si mesma engendra uma timidez que se estende por toda a vida e deixa marca em seu próprio trabalho: elas pensam que os triunfos brilhantes são reservados aos homens. Não ousam visar alto demais. [...]

Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. Toda afirmação de si própria diminui sua feminilidade e suas probabilidades de sedução. O que torna relativamente fácil o início do rapaz na existência é que sua vocação de ser humano não contraria a do macho: já sua infância anuncia esse destino feliz. [...] Para a jovem, ao contrário, há divórcio entre sua condição propriamente humana e sua vocação feminina. E é por isso que a adolescência é para a mulher um momento tão difícil e tão decisivo. Até então, ela era um indivíduo autônomo: cumpre-lhe renunciar a sua soberania. [...]

Esse é o traço que caracteriza a jovem e nos dá a chave da maior parte de suas condutas; não aceita o destino que a Natureza e a sociedade lhe designam; e no entanto não o repudia positivamente: acha-se interiormente dividida para entrar em luta com o mundo; limita-se a fugir da realidade ou a contestá-la simbolicamente. Cada desejo seu comporta uma angústia: está ávida por entrar na posse do seu futuro mas teme romper com o passado; almeja “ter” um homem, repugna-lhe ser sua presa. E atrás de cada temor dissimula-se um desejo: a violação causa-lhe horror, mas ela aspira à passividade. Por isso está votada à má-fé e a todos

os ardis desta; por isso está predisposta a toda espécie de obsessões negativas que traduzem a ambivalência do desejo e da ansiedade. [...]

Vê-se que todos os defeitos censurados na adolescente apenas exprimem sua situação. É condição penosa saber-se passiva e dependente na idade da esperança e da ambição, na idade em que se exalta a vontade de viver e de conseguir um lugar na terra; é nessa idade conquistadora que a mulher aprende que nenhuma conquista lhe é permitida, que deve renegar-se, que seu futuro depende do bel-prazer dos homens. [...]

Entretanto acontece que a jovem assume autenticamente essa situação da qual foge por mil caminhos inautênticos. Ela agasta por seus defeitos, mas espanta por vezes pelas suas qualidades singulares. Uns e outras têm a mesma origem. De sua recusa do mundo, de sua espera inquieta, de seu vazio, pode ela fazer um trampolim e emergir então em sua solidão e sua liberdade.

A jovem é secreta, atormentada, presa de conflitos difíceis. Essa complexidade enriquece-a; sua vida interior desenvolve-se mais profundamente que a de seus irmãos; mostra-se mais atenta aos movimentos de seu coração que assim se tornam mais matizados, mais diversos; tem mais sentido psicológico do que os rapazes voltados para objetivos exteriores. É capaz de dar peso a essas revoltas que a opõem ao mundo. Evita as armadilhas da seriedade e do conformismo. As mentiras convencionais de seu meio encontram-na irônica e clarividente. Põe à prova quotidianamente a ambiguidade de sua condição: para além dos protestos estéreis pode ter a coragem de recolocar em questão o otimismo estabelecido, os valores já prontos, a moral hipócrita e tranquilizadora. [...]

O caráter e as condutas da jovem exprimem sua situação: se esta se modifica, a figura da adolescente apresenta-se também como diferente. Hoje em dia, torna-se-lhe possível tomar o destino nas mãos, ao invés de entregá-lo ao homem. Se está absorvida pelos estudos, os esportes, um aprendizado profissional, liberta-se da obsessão do homem, preocupa-se muito menos com seus conflitos sentimentais e sexuais. Entretanto, tem muito mais dificuldade do que o rapaz em se realizar como indivíduo autônomo. [...] Forma-se um círculo vicioso: espantamo-nos muitas vezes, ao ver com que facilidade uma mulher pode abandonar a música, os estudos, a profissão logo que encontra um marido; é que empenhara demasiado pouco de si mesma em seus projetos para descobrir grande proveito na realização deles. Tudo contribui para frear sua ambição pessoal, enquanto uma enorme pressão social a convida a encontrar uma posição social no casamento, uma justificação. É natural que não procure criar por si mesma seu lugar neste mundo, ou que só o faça timidamente. Enquanto não houver uma perfeita igualdade econômica na sociedade e enquanto os costumes autorizarem a mulher, como esposa ou amante, a aproveitar-se dos privilégios de certos homens, o sonho de um êxito passivo continuará e ela freará suas próprias realizações.

A MULHER INDEPENDENTE

[...] Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem, só o trabalho pode assegurar-lhe uma libertação concreta. [...] A maldição que pesa sobre a mulher vassala, reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. Muitas mulheres têm consciência de tais

vantagens, mesmo entre as que exercem os mais modestos ofícios. Ouvi uma mulher que lavava o piso de um saguão de hotel declarar: “Nunca pedi nada a ninguém. Venci sozinha” Mostrava-se tão orgulhosa quanto um Rockefeller, por se bastar a si, mesma. Não se deve entretanto acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. [...]

O privilégio que o homem detém, e que se faz sentir desde sua infância, está em que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de homem. Da assimilação do falo e da transcendência, resulta que seus êxitos sociais ou espirituais lhe dão um prestígio viril. Ele não se divide. Ao passo que a mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. É esse conflito que caracteriza singularmente a situação da mulher libertada. Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar o sexo seria também uma mutilação. O homem é um ser sexuado: a mulher só é um indivíduo completo, e igual ao homem, sendo também um ser sexuado. Renunciar a sua feminilidade é renunciar a uma parte de sua humanidade.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980, p. 9, 11, 12, 13, 20, 21, 22, 67, 72, 73, 74, 90,91, 98, 99, 107, 108, 449, 450, 452.

ATIVIDADE Nº 13 (no caderno): fazer em dupla e depois debater as respostas em sala.

1) (ENEM – 2015) Assinale a alternativa correta:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)

- A - ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- B - pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- C - organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- D - oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.
- E - estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

2) Assistir ao vídeo “Conceito de sexo e gênero – Simone de Beauvoir”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MWwzt4tpuOU>>. Acesso em: 17 dez. 2016. Em seguida responda: a partir do pensamento de Beauvoir, qual a diferença entre sexo e gênero? Para Beauvoir, como se constrói a feminilidade na mulher?

3) Segundo Ferreira (2009), a tese mais importante da obra *O segundo sexo* é a mulher como “o Outro” do homem. O homem se afirma de modo positivo. A mulher é o polo negativo, acidental. Para se afirmar, o homem precisa da mulher. Encaradas como o Outro, as mulheres foram confinadas à reprodução. Só os homens podem ser livres, construindo um projeto próprio. As mulheres são forçadas pela sociedade a ficarem subordinadas. Marque no texto de Simone de Beauvoir as passagens que sustentam essa ideia.

4) Em uma entrevista concedida por Simone de Beauvoir em 1975, uma das perguntas do entrevistador foi:

Mas isso quer dizer que todas as mulheres e as jovens que terão de se colocar o problema e optar devem trabalhar a qualquer preço, mesmo na situação atual porque os homens não vão mudar já nem vão dividir as tarefas já? Então como fica? O essencial para a mulher é ter essa independência?

Simone de Beauvoir, respondeu o seguinte:

Para mim, sim. O essencial, seja qual for a dificuldade é a independência econômica. Mesmo que devam pagar caro e sei que as fazem pagar caro porque junto lhe será imposto o cuidado do lar. E é a primeira condição para uma independência interior, quer dizer moral, mental. Sem isso, serão obrigadas a pensar no modo como vivem ou serão obrigadas a ter as ideias do marido, a se submeter às vontades e caprichos dos maridos. E terá de ficar com um marido de que não gosta mais, uma situação, francamente, não digna de mais elogios do que a prostituição propriamente dita. A mulher que fica com o marido só pelo dinheiro porque não pode ganhar a vida essa mulher abdicou de seu valor e dignidade humana. Portanto, o que aconselho a todas as mulheres é que trabalhem e assumam as qualificações as mais altas que puderem que tenham o trabalho mais interessante possível mas, principalmente, algo que dê independência econômica. Ainda hoje isso é bem difícil, a desigualdade é flagrante e os pais continuam a pensar, como dissemos antes, que a menina vai se casar que não precisa fazer grandes sacrifícios por ela e farão sacrifícios pelo irmão em vez de pela irmã. Essa injustiça leva as mulheres a uma revolta profunda quando querem se tornar alguém, fazer algo interessante e que se lhes negam os meios para dá-los ao menino às vezes menos talentoso do que ela, menos realizador (BEAUVOIR, Simone. Por que sou feminista (1975). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-F2bwGtsMM>>. Acesso em: 17 dez. 2016.)

Essas indicações de Simone de Beauvoir ainda são atuais? Por quê? Na forma de educação dos filhos, houve mudança entre o que Beauvoir apresenta na entrevista e o que ocorre hoje?

2. LIBERDADE E MORAL:

Iniciar a aula com a questão: **Você é livre? O que te leva a pensar assim?** Estimular os alunos a se posicionarem diante da pergunta sem interferir nas respostas.

Em seguida, ouvir a **Música “Roda Viva”** – Chico Buarque. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/roda-viva.html>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

Breve debate sobre a música: o que seria a roda-viva? O tema da liberdade está presente na música? De que modo? Repare que a música é de 1968, auge da ditadura militar no Brasil. De que modo se manifesta a crítica à ditadura?

- É possível ao indivíduo recusar a sua própria liberdade?

Na sequência temos fragmentos do livro *Moral da Ambiguidade* de Simone de Beauvoir. O texto nos ajudará a refletir sobre liberdade e sua relação com a moral.

Moral da ambiguidade

A infelicidade do homem, disse Descartes, deriva de que ele foi primeiro uma criança. E, com efeito, estas escolhas infelizes que fazem a maior parte dos homens só se podem explicar porque se operam a partir da infância. O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra jogada num universo que não contribuiu para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual não pode senão submeter-se. Aos seus olhos, as invenções humanas – as palavras, os costumes, os valores – são fatos consumados inelutáveis como o céu e as árvores, ou seja, o mundo em que vive é o mundo do sério, já que o específico do espírito de seriedade é considerar os valores como coisas estabelecidas. (...) O mundo verdadeiro é o dos adultos, onde não lhe é permitido senão respeitar e obedecer. Ingenuamente vítima da miragem do para-outro, crê no *ser* dos seus pais, dos seus professores: considera-os como as divindades que estes procuram vãmente ser e cuja aparência se comprazem em imitar diante de olhos ingênuos. As recompensas, as punições, o prêmio, as palavras de elogio ou de censura insuflam na criança a convicção de que existe um bem, um mal, fins em si, como existe um sol e uma lua. (...) E é nisto que a condição da criança (ainda que possa ser, em outros aspectos, infeliz) é metafisicamente privilegiada: a criança escapa normalmente à angústia da liberdade; pode ser, a depender de sua vontade, indócil, preguiçosa; seus caprichos e suas falhas dizem respeito somente a ela, não pesam sobre a terra, não poderiam perturbar a ordem serena de um mundo que existe antes dela, sem ela, no qual está em segurança por sua própria insignificância; pode fazer impunemente tudo o que lhe agrada, sabe que nada acontecerá por causa disso, tudo já está dado; seus atos não comprometem nada, nem mesmo a si própria.

(...) É muito raro que o mundo infantil se mantenha além da adolescência. Desde a infância, já suas falhas se revelam; no espanto, na revolta, no desrespeito, a criança pouco a pouco se interroga: por que *é preciso* agir assim? A quem isto é útil? E, se eu agisse de outra forma, que aconteceria? (...) E quando chega a idade da adolescência, todo seu universo se põe a vacilar, porque percebe as contradições que os adultos opõem uns aos outros, bem como suas hesitações, suas fraquezas. Os homens cessam de lhe aparecer como deuses, e, ao mesmo tempo, o adolescente descobre o caráter humano das realidades que o cercam: a linguagem, os costumes, a moral, têm sua fonte nessas criaturas incertas; chegou o momento em que será chamado a participar também dessa operação; seus atos pesam sobre a terra tanto quanto o dos outros homens, ser-lhe-á preciso escolher decidir. Compreende-se que tenha dificuldade em viver esse momento de sua história e reside nisso, sem dúvida, a causa mais profunda da crise da adolescência: é que o indivíduo deve, enfim, assumir a sua subjetividade. De certa forma, o desabamento do mundo sério é uma libertação. Irresponsável, a criança se sentia também sem defesa em face das potências obscuras que dirigiam o curso das coisas. Mas

qualquer que seja a alegria dessa libertação, não é sem uma grande confusão que o adolescente encontra-se jogado num mundo que não é mais completamente feito, mas a fazer, dono de uma liberdade que nada mais prende, abandonado, injustiçado. Em face dessa situação nova, que pode ele fazer? É neste momento que se decide; se a história, que se pode chamar natural, de um indivíduo – sensualidade, seus complexos afetivos etc. – depende sobretudo de sua infância, é a adolescência que surge como o momento da escolha moral: então, a liberdade se revela e é preciso decidir que atitude tomar diante dela. (...) A infelicidade que vem ao homem do fato de ele ter sido uma criança consiste, pois, em que sua liberdade lhe foi inicialmente ocultada e em que ele guardará toda a sua vida a nostalgia do tempo que ignorava as exigências dela.

(...) Existir é *fazer-se* carência de ser, é *lançar-se* no mundo: pode-se considerar como sub-homens os que se ocupam em paralisar esse movimento original; eles têm olhos e ouvidos, mas fazem-se desde a infância cegos e surdos, sem amor, sem desejo. Essa apatia demonstra um medo fundamental diante da existência, diante dos riscos e da tensão que ela implica; o sub-homem recusa essa *paixão* que é sua condição de homem, o dilaceramento e o fracasso deste impulso em direção do ser nunca alcança seu fim; mas com isso, é a existência mesma que ele recusa.

(...) Compreende-se facilmente porque, de todas as atitudes inautênticas, essa é a mais frequente: é que o homem foi inicialmente uma criança; depois de ter vivido sob o olhar dos deuses, tendo prometido a si mesmo a divindade, não aceita de bom grado voltar a ser, na inquietude e na dúvida, simplesmente um homem. Que fazer? Em que acreditar? Frequentemente, o jovem que, como o sub-homem, não recusou logo a existência de maneira a que essas questões não se colocassem, assusta-se, entretanto, por ter de respondê-las; após uma crise mais ou menos longa, volta-se para o mundo de seus pais e de seus senhores ou então adere a valores novos, mas que parecem também seguros. Em lugar de assumir uma afetividade que o lançaria perigosamente diante de si mesmo, ele a repele.

(...) A má fé do homem sério provém de que ele é obrigado, sem cessar, a renovar a renegação dessa liberdade. Ele escolhe viver num mundo infantil; mas à criança, os valores são realmente dados. O homem sério deve mascarar esse movimento através do qual se dá os valores, tal como a mitômana, que lendo uma carta de amor, finge esquecer que essa lhe foi enviada por si mesma. Já indicamos que, no universo do sério, certos adultos podem viver com boa fé: aqueles a quem é recusado qualquer instrumento de evasão, aqueles de quem outros se servem ou que são mistificados. Menos as circunstâncias econômicas e sociais permitem a um indivíduo agir sobre o mundo, mais esse mundo lhe aparece como dado. É o caso das mulheres que herdaram uma longa tradição de submissão e daqueles a quem se chama de humildes; há, freqüentemente, preguiça e timidez na sua resignação, sua boa fé não é integral; mas na medida em que existe, sua liberdade permanece disponível, não se renega: eles podem, na sua situação de indivíduos ignorantes, impotentes, conhecer a verdadeira existência e elevar-se a uma vida propriamente moral.

(...) Ao contrário, o homem que tem instrumentos necessários para evadir-se desta mentira e que não quer usá-los, esse destrói sua liberdade ao recusá-la; faz de si mesmo sério, dissimula sua subjetividade sob a armadura de direitos que emanam do universo ético reconhecido por ele; não mais um homem, mas um pai, um chefe, um membro da Igreja Cristã ou do Partido Comunista.

(...) É no medo que o homem sério experimenta essa dependência em relação ao objeto, e a primeira das virtudes, aos seus olhos é a prudência. Ele não escapa à angústia da liberdade senão para cair na preocupação, no cuidado; tudo para ele é ameaça. (...) E dado que não será jamais senhor desse mundo exterior ao qual consentiu em submeter-se, a despeito de todas as suas preocupações, será sem cessar contrariado pelo curso incontrolável dos acontecimentos. Sem cessar, declarar-se-á decepcionado, porque sua vontade de congelar o mundo em coisa e desmentida pelo próprio movimento da vida. O futuro contestará seus sucessos presentes; seus filhos lhe desobedecerão, vontades estranhas opor-se-ão à sua, será presa do mau humor e da acidez. (...) Quer libertar-se de sua subjetividade, mas sem cessar ela ameaça se desmascarar, ela se desmascara. Então explode o absurdo de uma vida que procurou fora de si as justificações que só ela podia dar. Desligados da liberdade que os teria fundamentado autenticamente, todos os fins perseguidos aparecem como arbitrários, inúteis.

Simone de Beauvoir. *Moral da Ambiguidade*. Apud.: ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993, p. 309-310.

ATIVIDADE Nº 14:

- 1) Por que a adolescência é o momento da escolha moral? Quais as implicações disso?
- 2) Por que a liberdade provoca angústia? O que seria a má fé?
- 3) O que seria uma vida propriamente moral?
- 4) Retomando a questão anterior, mas agora tendo como base as ideias de Simone de Beauvoir: Você é livre? Justifique sua resposta.

AULAS 35 a 40:

3. PRODUÇÃO DE VÍDEOS:

Os estudantes irão produzir pequenos vídeos em grupos sobre o conteúdo estudado, sendo: um vídeo para cada filósofa estudada nas Unidades II a IV e outro mais geral sobre mulheres na filosofia e feminismo. Os mesmos serão disponibilizados na internet, no site Youtube. Para isso será feita inicialmente uma apresentação com dicas para elaborar um roteiro de vídeo, utilizando um material produzido pela TV Escola. Disponível em: <<http://refletor.tal.tv/wp-content/uploads/2014/03/oficina-de-produo-de-videos-da-tv-escola.pdf>>. Acesso em: 17 dez 2016.

Em seguida divide-se a turma em 4 grupos e será iniciada a elaboração do material, começando pelo roteiro do vídeo, depois o vídeo propriamente dito. Essa elaboração será orientada pelo professor. Antes dos vídeos serem postados no Youtube, cada grupo apresenta seu vídeo em sala para possíveis melhorias.

Na produção dos vídeos, principalmente os que tratem de Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir, é importante que os estudantes procurem responder a algumas questões: quais as principais contribuições dessas filósofas para a mudança na condição da mulher? Essas pensadoras trouxeram abordagens diferentes dos filósofos? Em que contribuíram para o tema da ética? Está presente ou não em seu pensamento uma ética do ponto de vista feminino? Se estiver, que modificação isso trás?

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS (PROFESSORES/AS)

Na Unidade IV abordamos apenas alguns aspectos do pensamento de Simone de Beauvoir, tendo como foco as contribuições ao feminismo e o debate da questão moral. A intenção é que no item 1 “Sexo e Gênero” se faça todo processo metodológico de sensibilização, problematização, investigação e criação de conceitos. O mesmo procedimento ocorre no item 2 “Liberdade e Moral”.

O objetivo da produção de vídeos é que os próprios alunos se envolvam na produção de um material didático e retomem itens principais do que foi estudado com sua leitura da temática. Os vídeos também poderão contribuir com outras pessoas que se interessem pelo tema, uma vez que serão disponibilizados na internet.

REFERÊNCIAS:

Textos:

ALMEIDA, Camila. 6 dados que revelam a gravidade da violência contra a mulher no Brasil. *Revista Superinteressante*. 27 out 2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/dados-violencia-contr-a-mulher-brasil>>. Acesso em: 10 out. 2016.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 8. ed. São Paulo : Brasiliense, 2003.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

ASSMANN, Selvino José. Apresentação à “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, v. 4. nº 1, Florianópolis, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5175681>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Naturalização do machismo. *Revista Filosofia Ciência&Vida*. São Paulo: Editora Escala. Ano X, Edição 119, p. 14-21, ago. 2016.

BRASIL DEBATE. A dupla jornada das mulheres no Brasil. 05 jan 2015. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/a-dupla-jornada-das-mulheres-no-brasil/>>. Acesso 11 out. 2016.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, v. 22. nº 3, p. 965-986, set.-dez./2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757>>. Acesso em: 20 out. 2016.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. Filosofia e mulheres: implicações de uma abordagem ética a partir da perspectiva de gênero. *Revista Filosofia UNISINOS*, v. 5, n. 9, p. 213-231, julho-dezembro de 2004. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6557/3678>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. Ética e gênero: a construção de uma sociedade mais feminina. *Kalagatos – Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 67 a 89, verão de 2006. Disponível em: <<http://www.uece.br/kalagatos/dmdocuments/V3N6-Etica-e-genero-a-construcao-de-uma-sociedade-mais-feminina.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar). *Instituto de pesquisa econômica aplicada*. Nota técnica nº 11. Brasília, março de 2014. Disponível em:

<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/07/IPEA_estupronobrasil2014.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia: ensino médio*, volume único. São Paulo: Ática, 2010.

CORBISIER, Ana. Prefácio. In.: KOLLONTAI, Alexandra. *Marxismo e revolução sexual*. São Paulo: Global Editora, 1982.

DIAS, Maria Berenice. A mulher no Código Civil. *Portal Jurídico Investidura*, Florianópolis/SC, 21 Nov. 2008. Disponível em: www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/direito-civil/2247. Acesso em: 01 Dez. 2016

DUBY, Georges. Heloísa. In.: _____. *As damas do século XII*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995-1996, p. 38-54.

ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. 1. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2015.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As mulheres na filosofia*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

GABOARDI, Ediovani Antônio. Um caminho para a diversidade de gênero no ensino de filosofia. In.: DANNER, Fernando; DANNER, Leno F. *Ensino de Filosofia, Gênero e Diversidade: Pensando o Ensino de Filosofia na Escola*. Porto Alegre: Editora fi, 2014, p. 14 a 29. Disponível em: <http://www.dfil.unir.br/menus_arquivos/286_ensinodefilosofia.pdf>. Acesso em 28 jul. 2016.

GALLO, Sílvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. 1.ed. São Paulo: Scipione, 2013.

_____. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. *Revista Ethica*. Rio de Janeiro, v. 13, nº 1, p. 17 a 35, 2006.

GARCIA, Leila Posenato; SILVA, Gabriela Drummond Marques da. Mortalidade de mulheres por agressões no Brasil: perfil e estimativas corrigidas (2011-2013). *Instituto de pesquisa econômica aplicada*. Brasília : Rio de Janeiro : IPEA, fev 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2179.pdf>. Acesso em 10 out. 2016.

GORZONI, Priscila. Grandes mulheres: vistas no decorrer da história de modo secundário e até mesmo inferior, elas fizeram a diferença na história da filosofia. *Revista Filosofia: conhecimento prático*. Disponível em: <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/24/artigo178015-1.asp>>. Acesso em: 07 out. 2016.

GOUGES, Olympe de. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Apresentação e Tradução: Selvino José Assmann. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, v. 4, nº 1, Florianópolis, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5175681>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

HAMEDANI, Ali. Gays sofrem pressão para mudar de sexo e escapar da pena de morte no Irã. *BBC Brasil*. 6 nov. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141105_ira_gays_hb>. Acesso em 19 out. 2016.

HEUSER, Ester Maria Dreher. A filosofia da discórdia de Gilles Deleuze e a necessidade de uma educação dos sentidos: para pensar o “momento da sensibilização” no ensino de filosofia. *Revista Fermentário*, Nº 7, V. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/143>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

KOLLONTAI, Alexandra. *Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada*. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

KUHNEN, Tânia Aparecida. A ética do cuidado como teoria feminista. In.: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 3, 27 a 29 maio 2014, Londrina. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_T%C3%A2nia%20Aparecida%20Kuhnen.pdf>. Acesso em: 24 out 2016.

MARTINO, Natália; CARDOSO, Rodrigo. O novo feminismo. *Revista Istoé*. 22 jun 2012. Disponível em: <http://istoe.com.br/216256_O+NOVO+FEMINISMO/> Acesso em: 08 jun. 2016.

MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In.: TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali M. de; EGGERT, Edla (Org.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2002, p. 13 a 22.

MIGUEL, Luis Felipe. Sete ensinamentos do feminismo para a teoria política. *Blog da Boitempo*, 02 abr. 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/02/sete-ensinamentos-do-feminismo-para-a-teoria-politica/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. A igualdade e a diferença. In.: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 63 a 77.

MIRANDA, Daniel M. Apresentação da obra Reivindicação dos direitos das mulheres. In.: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Pós-modernismo, marxismo e feminismo. *Revista Margem Esquerda – ensaios marxistas*, nº 2, p. 95-111. Postado online em 05 mar 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/03/05/pos-modernismo-marxismo-e-feminismo/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MOREIRA, Isabela. A novinha é apenas uma criança. *Revista Galileu*. São Paulo : Editora Globo. Edição 299, p. 35 a 47, jun 2016.

NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. *Revista Gênero & Direito*, v. 2, nº 1, p. 68-85, 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/article/view/16950>>. Acesso em 27 nov. 2016.

Nota sobre a violência sexual contra a jornalista do R7 no metrô. *Sindicato dos Metroviários/SP*. 11 jun 2015. Disponível em: <<http://www.metroviarios.org.br/site/nota-sobre-a-violencia-sexual-contr-a-jornalista-do-r7-no-metro/>>. Acesso 17 out. 2016.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Souza. Sujeição, costume e sentimento como manutenção da servidão feminina. Stuart Mill e A sujeição das mulheres. *Sapere Aude: Revista do Departamento de Filosofia da PUC/MG*. Belo Horizonte, v. 4, n.7, p. 494-500, 1º sem. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5564>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Filosofia. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Proibição da Burca segue sendo polêmica na França. *Portal Terra*, 11 abr. 2016. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/proibicao-da-burca-segue-sendo-polemica-na-franca,45af592fe3efd02e6fb47f7183d7df24k4sny1ix.html>. Acesso em: 02 dez. 2016.

RANGEL, Patrícia. A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata. *Revista de Estudo Hum(e)anos*. Nº 0, p. 74 a 95, 2010/01. Disponível em: <<http://revista.estudoshumeanos.com/a-abadessa-infiel-e-o-cavaleiro-apostata/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

REZENDE, Eduardo. Interpretação: Monte Castelo, 19 jun. 2012. Disponível em: <<http://olivrodosdias-interpretacao.blogspot.com.br/2012/06/interpretacao-monte-castelo.html>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

RIBEIRO, Ana Luiza Souza. A visão das mulheres na filosofia. *Revista Filosofia Ciência&Vida*. São Paulo: Editora Escala. Ano IX, Edição 118, p. 36-43, jun./jul. 2016.

ROCHA, Zeferino. *Abelardo-Heloísa, cartas*: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas por Zeferino Rocha. Edição Bilíngue. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

ROCHA, José Atanásio. Análise da letra de Mulheres de Atenas de Chico Buarque e Augusto Boal. S/D. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110825011553/http://www.mundocultural.com.br/analise/Mulheres_de_Atenas.PDF> Acesso em: 22 nov. 2016.

SCHILLING, Voltaire. Conheça a vida da filósofa Simone de Beauvoir. *Portal de Notícias Terra*. 31 out. 2015. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/historia/conheca-a-historia-de-simone-de-beauvoir,48a26c5cfe0d00572b1eed7ef7e240dt6a91osm.html>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

SILVA, Juliana Pacheco Borges da. Mulher e Filosofia: onde estão as filósofas? In.: SEMANA ACADÊMICA DE FILOSOFIA DO PPG EM FILOSOFIA DA PUCRS, 13., 3 a 5 jun. 2014, Porto Alegre. *Anais da XIII Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia*

da PUCRS. Porto Alegre. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

SILVA, Luiz Carlos André Mangia. A deusa restaurada: sobre a representação de Afrodite nos versos de Safo de Lesbos (VII-VI a.C.). *Revista Itinerários*, Araraquara, nº 24, p. 301-303, 2006. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2641/2327>. Acesso em: 20 maio 2016.

SILVA, Odi Alexandre Rocha da. Safo de Lesbos: a experiência filosófica na poesia. In.: PACHECO, Juliana (Org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, p. 12 a 27. Disponível em: <<http://www.editorafi.org/filosofas>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

SOARES, Will; ACAYABA, Cíntia. Um em cada três brasileiros culpa mulher em caso de estupro, diz Datafolha. *Geledés: Instituto da Mulher Negra*. 21 set 2016. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-mulher-em-casos-de-estupro-diz-datafolha/#gs.sd_eeOE>. Acesso em: 10 out. 2016.

TIBURI, Marcia. As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento. *ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Campinas, nº 50, dez. de 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/15.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

TOLEDO, Cecília. O marxismo e o problema da emancipação da mulher. In.: *Revista Marxismo Vivo: Revista de Teoria e Política Internacional*. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, Nº 12, 2005, p. 120 a 134.

Uma em cada cinco mulheres de até 18 anos já foi vítima de violência, diz OMS. *Portal Último Segundo*. 05 jun 2016. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2016-06-05/uma-em-cada-cinco-mulheres-de-ate-18-anos-ja-foi-vitima-de-violencia-diz-oms.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Violência contra a mulher: o jovem está ligado? *Instituto Avon e Instituto Data Popular*. 8 a 13/11/2014. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf> Acesso em: 15 out. 2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: EDIPRO, 2015.

WUENSCH, Ana Míriam. O quê Christine de Pizan nos faz pensar. *Revista Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB*, v. 15, nº 1, p. 1 – 12, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/16315>>. Acesso em: 07 out. 2016.

Músicas:

BUARQUE, Chico, BOAL, Augusto. Mulheres de Atenas. In: *Chico Buarque – letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 144. Apud.: ROCHA, S/D, p. 2-3

BUARQUE, Chico. Roda Viva. Intérprete: Chico Buarque. In.: Chico Buarque de Holanda – Vol. 3. RGE, p1968. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/roda-viva.html>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

GOMES, Pepeu. Masculino e Feminino. Intérprete: Pepeu Gomes. In.: *Álbum Meu Coração*. p1999. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pepeu-gomes/masculino-e-feminino.html>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

OURO PRETO, Dinho; L, Alvin. Quatro vezes você. Intérprete: Capital Inicial. In.: CAPITAL INICIAL. *Rosas e Vinho Tinto*. BMG Brasil, p2002. 1 CD. Faixa 7.

PITTY; MARTIN. Desconstruindo Amélia. Intérprete: Pitty. In.: PITTY. *Álbum Chiarroscuro*, p2009. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>>. Acesso em 14 out. 2016

RAMALHO, Zé; BATISTA, Otacílio. Mulher Nova, Bonita e Carinhosa. Intérprete: Zé Ramalho. In.: *Álbum 16 sucessos de Zé Ramalho*, p.2001. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/mulher-nova-bonita-e-carinhosa.html>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

RUSSO, Renato. Monte Castelo. Intérprete: Legião Urbana. In.: Legião Urbana. *Álbum As quatro Estações*. EMI, p1989. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/monte-castelo.html>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

Vídeos:

ACORDA Raimundo... Acorda! Direção Alfredo Alves. Produção de Lúcia Romano e Mariangela Furtado. Rio de Janeiro: Ceta-Ibase e Iser Vídeo, 1990. (16 min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>>. Acesso em: 08 out. 2016.

CARL Sagan - Hipátia e o fim de Alexandria (Dublado). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cw4rIWUewk>>. Acesso em: 06 out.2016.

CONCEITO de sexo e gênero – Simone de Beauvoir. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MWwzt4tpuOU>>. Acesso em: 17 dez. 2016

EM NOME de Deus. Direção: Clive Donner. Produção: Susan George, Simon MacCorkindale e Andros Epaminondas. EUA: Amy International/Jadran Film, 1988. 1 DVD (115 min)

ÉTICA e Indiferença – ser ou não ser? Apresentação Viviane Mosé. Série do Programa Fantástico. Rio de Janeiro: Globo Comunicação e Participações SA., 29 out. 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jL_OR0OaGnA&list=PLE82CAD5EA13738B3>. Acesso em 20 out. 2016.

EXPOSIÇÃO mostra um século de mulheres na propaganda. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aqZo9Ijt1tY>>. Acesso em: 11 out. 2016.

FELIPE Fonseca - Ator - Snickers com Claudia Raia "Vestiário". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GkgzJCiYfiY>>. Acesso em: 11 out. 2016.

FEMINISMO? Trabalho Acadêmico do curso de Design da UFRGS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQ6Mcn38vYo>>. Acesso em: 14 out. 2016.

MÉDICOS sem Fronteiras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8d-bbBlg7Ao>>. Acesso 03 dez. 2016

POR que sou feminista (1975). Entrevista com Simone de Beauvoir realizada em 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-F2bwGtsMM>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

“UM Em cada três pessoas diz que estupro é culpa da vítima, diz pesquisa”. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Globo Comunicação e Participações SA., 21 set. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/09/um-em-cada-tres-pessoas-diz-que-estupro-e-culpa-da-vitima-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

Documentos iconográficos:

Folhapress. Muçulmana veste um niqab, roupa desde ontem proibida em toda França, nas proximidades da Catedral de Notre-Dame, em Paris. 11 abr. 2011. 1 fotografia, color. *Gazeta do Povo*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/franca-prende-muculmanas-por-uso-de-veu-4q4zixvktjg3ma7ef1yfh0dvy>>. Acesso em: 02 dez 2016.

QUINO. Mafalda. [s/d]. 1 Cartum, color. Disponível em: <<http://guilhermeulema.blogspot.com.br/2012/11/analises-de-imagens.html>>. Acesso em 02 dez 2016.

BILL WATTERSON. Calvin and Hobbes. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/sopadelivros/category/literatura-fantastica/>>. Acesso em: 05 dez. 2016.